



Pelo fim da exploração sexual

O que os homens podem fazer?

Manual para sensibilização
de adolescentes entre 10 e 14 anos

Coordenação



Apoio



Colaboração





Autores e colaboradores

Vanessa do Nascimento Fonseca; Marcos Nascimento e Bruno Pizzi

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer o apoio e a participação de:

Gary Barker, Christine Ricardo, Fabio Verani, Andreza Jorge, Rogerio Brunelli, Suzana Santos, Claudia Presotto, Marianna Olinger, Márcio Segundo, Gabriela Aguiar, Isadora Garcia, Max Freitas e Anna Luiza Campos de Almeida do Promundo (Rio de Janeiro, Brasil), Ricardo Souza, Márcia Oliveira da Save the Children Suécia (Rio de Janeiro, Brasil), Gaby Reyes, Marco Sotelo, Mônica Alcedo da Save the Children Suécia (Lima, Peru), Oswaldo Montoya, Save the Children Noruega (Manágua, Nicarágua), Humberto Carolo e Todd Minerson, White Ribbon Campaign (Canadá), Benedito Medrado, RHEG (Brasil), Margarita Quintanilla, InterCambios (Manágua, Nicarágua), Lina Maria Cortés Rojas (tradutora), Alejandro Fernando Cisneros Dávila, Gian Franco Gozáles Vásquez, Christian Martínez Monge, Rosa E. Romero Martines, Khaled Yamil Ismael Reyes, Douglas Mendonza, Marcelo da Silva Santos e Maria Helena Flores (consultores para o teste do material), Equipe da Metara Comunicação

Apoio técnico e financeiro

Save the Children Suécia
Save the Children Noruega

Projeto gráfico

Metara Comunicação
www.metaracomunicacao.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F748p

Fonseca, Vanessa, 1979-

Pelo fim da exploração sexual : o que os homens podem fazer? : manual para a sensibilização de adolescentes de 10 a 14 anos / Vanessa Fonseca, Marcos Nascimento, Bruno Pizzi ; [versão para o espanhol Lina Cores Rojas]. - Rio de Janeiro : Promundo, 2008.

88p. : il.

Anexo
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-61640-00-2

1. Crime sexual contra crianças - Prevenção. 2. Prostituição de crianças - Prevenção. 3. Prostituição de adolescentes - Prevenção. 4. Crianças - Maus-tratos - Prevenção. 5. Masculinidade. 6. Papel sexual. I. Nascimento, Marcos, 1966-. II. Pizzi, Bruno, 1979-. III. Instituto Promundo. IV. Título.

08-2842. CDD: 363.44
CDU: 364.633

10.07.08 14.07.08 007601





Sumário

Pelo fim da exploração sexual comercial: um assunto para homens adolescentes de 10 a 14 anos?

- 8** **Introdução**
- 9 Qual o objetivo deste manual?
- 9 Como este manual está organizado?
- 10 Perguntas e respostas sobre a ESCCA
- 22 Mitos e estereótipos envolvidos na ESCCA

Atividades educativas

- 26** **Como utilizar as atividades deste manual?**
- 28** **Dicas para a realização das atividades com adolescentes de 10 a 14 anos**

Bloco 1 - Socialização de Gênero

- 36 Técnica 1: A vida dentro de uma caixa: os homens devem...as mulheres devem...
- 39 Técnica 2: Como os homens e as mulheres se expressam
- 42 Técnica 3: Jogo de Papéis para falar de gênero

Bloco 2 - Gênero e mídia

- 46 Técnica 1: Entendendo a criação de uma campanha
- 49 Técnica 2: Este é meu corpo
- 51 Técnica 3: Criando uma campanha

Bloco 3 - Violência

- 54 Técnica 1: Diversidade de direitos: eu e os outros
- 56 Técnica 2: Da violência para o respeito nos relacionamentos
- 58 Técnica 3: Violência sexual: é ou não é?

Bloco 4 - Sexualidade

- 64 Técnica 1: A visita do ET
- 66 Técnica 2: Diferentes posições sobre sexualidade
- 69 Técnica 3: Virgem até o casamento?

Bloco 5 - Exploração sexual comercial

- 72 Técnica 1: Jogo do Bingo para falar sobre Exploração Sexual Comercial
- 75 Técnica 2: Pessoas e coisas
- 79 Técnica 3: Jogo do *status*

81 **Anexo**

- 84 Compreensão dos temas

85 **Bibliografia**

Pelo fim da
Exploração
Sexual Comercial:
um assunto
para homens
adolescentes
de 10 a 14 anos?





Introdução

Este manual foi elaborado especialmente para profissionais que trabalham com a educação de adolescentes entre 10 e 14 anos. Aqui, serão encontradas diversas idéias, estratégias e argumentos que podem auxiliar no trabalho de reflexão com adolescentes nessa faixa etária e do gênero masculino, para que, no futuro, desenvolvam uma reflexão crítica sobre exploração sexual.

Nosso principal objetivo foi o de construir um material com linguagem clara e direta, que pudesse ser utilizado por diferentes educadores e professores nos mais variados contextos como escolas, grupos de jovens, associações comunitárias, entre outros.

O Promundo desenvolve projetos e ações que visam promover a equidade de gênero e prevenir a violência contra crianças, jovens e mulheres no Brasil e no mundo. A escolha do tema da Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (ESCCA) foi feita porque acreditamos que este problema está diretamente ligado às concepções de masculinidade, feminilidade e sexualidade vigentes em nossa sociedade. Além disso, a exploração sexual de crianças configura uma violação ao seu direito mais fundamental, que é a liberdade, e constitui uma das piores formas de exploração do trabalho infantil.

Outro motivo da escolha deste tema é a carência de metodologias de trabalho a respeito, principalmente voltados para esta faixa etária entre 10 e 14 anos. Neste manual, além do encaminhamento da temática, tivemos uma preocupação muito grande na elaboração de técnicas que atendessem às peculiaridades dos adolescentes nessa idade.

Consideramos que o esforço de pessoas bem próximas aos grupos atendidos é essencial para o trabalho de reflexão. Por isso, é importante que as pessoas que participam do cotidiano desses grupos se apropriem deste material e o adaptem ao seu contexto específico.



Qual é o objetivo deste manual?

Este manual é uma ferramenta que pode ser utilizada por educadores das mais diversas áreas, como parte de um leque de atividades mais amplo para sensibilizar e envolver a população masculina com a temática da ESCCA.

Os objetivos específicos deste manual são:

✘ Em relação aos educadores:

- a) Fornecer informações para educadores, professores e profissionais que trabalham com jovens nas questões de gênero, violência e discriminação contra a mulher;
- b) Sensibilizar educadores para que levem a discussão sobre ESCCA para as escolas;
- c) Disponibilizar exemplos detalhados de atividades educativas que podem ser desenvolvidas com grupos de jovens entre 10 e 14 anos;

✘ Em relação aos adolescentes:

- a) Introduzir formas alternativas de convivência que incluem diálogo e respeito;
- b) Refletir e questionar como a socialização masculina pode estar relacionada, direta ou indiretamente, ao abuso sexual e à ESCCA;
- c) Questionar como a violência sexual é utilizada contra as crianças e adolescentes.

Como este manual está organizado?

O manual foi dividido em duas partes. Na primeira, você encontrará noções sobre a ESCCA e temas adjacentes. São definições, dados quantitativos e qualitativos de pesquisas, informações sobre leis, enfim, uma série de elementos que facilitarão o entendimento sobre o tema em questão. A segunda parte do manual contém sugestões de atividades educativas para realizar um trabalho de reflexão com adolescentes entre 10 e 14 anos. Nesta parte, será tratado não só o tema da ESCCA, mas também outros, como socialização, gênero e violência, que têm estreito vínculo com nossa temática principal.

As técnicas foram elaboradas seguindo uma metodologia participativa, em que os adolescentes





podem se manifestar ativamente, por meio de diversas formas de expressão. Nesta metodologia, o estímulo à reflexão a partir das experiências vividas é anterior às informações que possam ser apresentadas. Acredita-se que novos conceitos ganham significado e podem ser mais bem compreendidos se estiverem relacionados a fatos do cotidiano de cada um. Reflexões coletivas, a partir de diferentes pontos de vista, e a liberação da criatividade ajudam os adolescentes a perceberem novas possibilidades para suas ações cotidianas. A utilização de ferramentas e estímulos que agucem a curiosidade é fundamental para que eles possam, espontaneamente, fazer perguntas e desencadear discussão. Ao final da primeira parte, serão encontradas algumas dicas que podem ajudar na promoção de um ambiente de aprendizagem criativo e confortável para os adolescentes.

É relevante enfatizar também que o tipo de trabalho que estamos propondo, de cunho educativo, é importantíssimo para a mudança de atitudes, opiniões e comportamentos. No entanto, não é possível afirmar que ele isoladamente será responsável por uma transformação rápida e radical em nossa sociedade. É essencial, para que tenhamos resultados mais significativos, que este trabalho sirva como objeto de discussão para que políticas públicas a respeito do tema sejam implementadas.

Perguntas e respostas sobre ESCCA

Para facilitar a compreensão de conceitos e temas que envolvem a prevenção da ESCCA, decidimos dividir esta seção em perguntas e respostas. Aqui, poderão ser encontrados dados e definições que irão auxiliar o facilitador a propor questões e a encaminhar discussões para promover a reflexão sobre o tema.

O que é Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes?

Esta prática é caracterizada pela utilização de crianças e adolescentes em atividades sexuais remuneradas ou em troca de favores, que podem ser direcionados à própria criança ou adolescente, à sua família ou ainda aos agenciadores deste tipo de trabalho sexual. Tais atividades incluem a exploração no comércio do sexo, a pornografia infantil ou a exibição em espetáculos sexuais públicos ou privados.

Quando se fala em ESCCA, deve-se ter em mente que esta é uma das formas mais graves de violação dos direitos infanto-juvenis, em que as crianças e os adolescentes são tratados como **objetos sexuais e mercadorias**. São considerados exploradores **o cliente**, que paga pelos





serviços sexuais, e os **intermediários** em qualquer nível, ou seja, aqueles que induzem, facilitam ou obrigam crianças e adolescentes a se prostituir (UNICEF, 2001).

Mesmo que a criança ou adolescente sejam pagos pela prática sexual, sem o intermédio de agenciadores, isto é considerado Exploração Sexual Comercial e representa uma forma de violência sexual, já que os jovens são considerados pessoas em desenvolvimento, não têm condições de escolher estar nesta situação, que gera graves conseqüências para a saúde física, mental e emocional das vítimas. O que sustenta a ESCCA é uma oferta criada pela vulnerabilidade sócio-econômica e psicológica da pessoa explorada e uma demanda, representada pelo cliente, beneficiado pela tolerância social e por uma cultura machista (ANDI, 2007).

Quais são as possíveis causas da ESCCA?

O fenômeno da exploração sexual é complexo. Embora várias pesquisas apontem a pobreza e a exclusão social como dois dos principais aspectos que influenciam esta prática, estes fatores não são suficientes para dar conta da causalidade deste fenômeno. Desigualdades diversas (raciais, sócio-econômicas, de gênero) e questões culturais, tais como o machismo e a idéia de que o adulto tem poder sobre a criança, têm sido apontadas como aspectos determinantes para a existência de ESCCA (Instituto WCF-Brasil, 2006; ANDI, 2007). Somado a esses fatores, existe o papel da mídia, veículo principal de transmissão de valores, como a “ditadura do consumo”, que transforma erotismo em mercadoria, em que o corpo de crianças e adolescentes são produtos dos mais valorizados (Instituto WCF-Brasil, 2006).

Por trás de todas as dimensões que envolvem a ESCCA, existem relações de poder, presentes na maioria das sociedades atuais, que tornam crianças e adolescentes vulneráveis a esta prática. São estas as principais formas de poder que tornam vítimas crianças e adolescentes:

✘ **Condição de homem/mulher.** A forma como homens e mulheres são socializados em diferentes sociedades confere ao homem mais poder tanto na esfera pública (no mundo do trabalho, por exemplo) quanto na esfera privada (vida doméstica). Apesar do avanço do papel da mulher na sociedade e de inúmeras conquistas do movimento feminista, em várias sociedades, ainda são os homens que tomam as decisões referentes à família, à sexualidade e ao mundo do trabalho. A socialização de gênero¹ favorece a desigualdade entre homens e mulheres, e faz com que muitos homens se sintam no direito de usar mulheres para sua satisfação sexual, sem considerar

1 Gênero se refere à maneira como homens e mulheres são socializados. Refere-se, portanto, à forma como homens e mulheres se comportam e agem, segundo padrões culturalmente estabelecidos.



seus desejos. As estatísticas revelam que mulheres são as principais vítimas deste tipo de ESCCA. Por este motivo, este crime também pode ser considerado uma forma de violência de gênero.

- ✘ **Faixa etária.** Existe uma clara relação de poder entre adultos e crianças, adolescentes e jovens. Por conta do seu próprio processo de desenvolvimento, assim como pelas condições econômicas, sociais e culturais, os adolescentes e jovens acabam se deparando com situações que os tornam vulneráveis à exploração por um adulto.
- ✘ **Exclusão social.** Embora a pobreza não seja a principal causa, nos casos de ESCCA ela é fator importante, já que a maioria das vítimas é oriunda de famílias que recebem até ½ salário mínimo (ANDI, 2007). Além disso, crianças e adolescentes têm menos força política ou física e têm menos chance de receber proteção do Estado.

Neste manual, embora cientes da complexidade do fenômeno, focaremos o trabalho de prevenção da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes, a partir de uma reflexão sobre os padrões de masculinidade observados em homens adolescentes de 10 a 14 anos, buscando a equidade nas relações entre homens e mulheres, o respeito à diversidade, e o questionamento da visão das mulheres como algo que pode ser consumido na mídia.

O que os homens têm a ver com a ESCCA?

Muitos homens (jovens e adultos) exploram mulheres (e outros homens também). Dominar uma pessoa por considerá-la inferior (uma criança, uma mulher, um pobre) e mostrar potência sexual (especialmente para quem não tem experiência) são consideradas oportunidades para reafirmar vários dos valores machistas presentes em nossa sociedade (Save the Children Suécia, 2004). Questionar a visão da mulher como objeto de consumo, mercadoria ou como algo descartável é fundamental para a construção de relações mais justas e igualitárias entre homens e mulheres.

Freqüentemente, os homens são vistos como irresponsáveis no que se refere a temas de sexualidade e saúde reprodutiva, agressivos e até mesmo violentos nas relações – quer contra outros homens, contra si mesmos ou contra mulheres. A origem de muitos comportamentos dos homens – negociação das relações sexuais (e do uso do preservativo), cuidar (ou não) das crianças quando eles se tornam pais, o uso da violência (ou não) contra a mulher, o uso (ou não) de serviços sexuais – está na maneira como eles foram socializados. Determinados comportamentos que são vistos como “da natureza do homem” são na realidade aprendizados, construções sociais que dependem da cultura local e das normas sociais vigentes em determinada localidade, país ou cultura.

Muitas culturas promovem um modelo de homem considerado como “homem de verdade”. Essa



noção de “homem de verdade” envolve idéias relacionadas ao homem provedor, homem protetor, homem forte e viril, homem agressivo e atrelado a rígidos códigos de honra, em que a competição e a violência se fazem presentes. Por outro lado, desde a infância, se um homem demonstra interesse em cuidar das crianças, se executa tarefas domésticas, tem relações de respeito e amizade com mulheres, demonstra afeto e emoções, ele é ridicularizado por sua família, por seus amigos e pares e visto como não sendo “homem de verdade”.

O desempenho da sexualidade é encarado como forma para provar a virilidade e a masculinidade. Em muitos casos, a pressão do grupo de pares faz com que homens jovens e adultos se submetam a relações sexuais indesejadas (com trabalhadoras do sexo, por exemplo) para não “ficarem mal” diante do seu grupo de amigos.

Um estudo realizado em 7 países na região da América Central (Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá e República Dominicana) com 445 homens sobre o tema da ESCCA mostrou que os entrevistados achavam que manter relações sexuais com uma menina menor de idade lhes fornecia *status* diante de outros homens. A maioria não considerava uma violência ou um delito. O fato de serem clientes desse tipo de serviço sexual era justificado





de diversas maneiras, desde não se considerarem atraentes para conquistar uma mulher até pelo sentimento de poder por estarem pagando pelo “serviço”. Portanto, a ESCCA deve ser entendida dentro de um contexto que mercantiliza as pessoas e as relações incluindo as relações sexuais, a partir de uma visão que considera que os homens devem ter mais direitos e poder (OIT/IPEC, 2004).

Portanto, é importante questionar qual é a visão de mulher e de sexualidade construída em nossa sociedade que, muitas vezes, favorece relações de poder em que aos homens é concedido o direito de usar a sexualidade feminina da maneira que quiserem. Muitos adolescentes têm uma visão da mulher como objeto sexual, como algo a ser consumido. A mídia, como será tratado em uma das seções deste manual, muitas vezes, favorece essa idéia da mulher-objeto, desvalorizando (e até desqualificando) a mulher.

Por que trabalhar esse tema com homens adolescentes entre 10 e 14 anos?

A adolescência, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, inicia-se aos 10 anos. Embora se reconheça que há uma grande variedade de “adolescências”, de acordo com o gênero, o contexto cultural, a classe social e a própria idade, é consenso que este é um período de transformações físicas e psicológicas muito intensas. Por ser um período em que o desejo sexual pelo outro começa a se manifestar, bem como acontecem os primeiros namoros, é um momento propício para reflexão sobre modelos de relacionamentos mais respeitosos e responsáveis. Nesta fase, homens e mulheres estão abertos à discussão e formando sua idéia de relacionamento, de modo que é muito mais fácil e duradouro promover novos modelos de masculinidade e de relacionamentos. Quando as idéias já estão cristalizadas, é muito mais difícil transformá-las.

A Organização Mundial de Saúde (2003) reconhece a importância de trabalhos com grupos de adolescentes entre 10 e 14 anos, antes mesmo de iniciarem o namoro ou sua experiência sexual, embora muitos trabalhos, pesquisas e informações disponíveis correspondam apenas à faixa entre 15 e 19 anos. São escassos os dados sobre aspectos de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes que têm entre 10 e 14 anos (2003), principalmente do gênero masculino. No entanto, pesquisas recentes trazem novas perspectivas que chamam a atenção para a necessidade de pensarmos, ainda na fase da infância ou adolescência, como os homens são socializados e quais as conseqüências que esse processo de socialização traz para a vida de homens e mulheres adolescentes (OMS, 2000). Para desenvolver ações educativas de saúde sexual e reprodutiva, ressalta-se a importância de compreender como os adolescentes entendem suas transformações físicas e sociais, bem como os processos sociais e culturais que ajudam a dar sentido aos seus desejos, sentimentos e interesses sexuais (Aggleton, 2001).





ESCCA só acontece com mulheres adolescentes ou com homens também?

Apesar de a maior parte dos casos de ESCCA ocorrer contra mulheres adolescentes, homens adolescentes também estão entre as vítimas. A exploração e abuso sexual de homens adolescentes são relatados com menos frequência, no entanto, pois em nossa sociedade é esperado que o homem mantenha suas emoções e conflitos sob controle. Por isso, é muito difícil para os homens adolescentes declararem que são sexualmente explorados. Os adolescentes que são explorados por outros homens podem sentir que sua masculinidade será questionada se revelarem o abuso. Além disso, os jovens que são sexualmente abusados por mulheres mais velhas podem não se sentir à vontade para relatar o caso, já que os ideais de masculinidade promovem a idéia de que o homem não deve resistir ao sexo (UNICEF, 2001).

Qual é a extensão do problema?

Não existem documentos adequados que demonstrem o número de crianças que são exploradas sexualmente com propósitos comerciais. A natureza clandestina da indústria sexual torna possível que se trabalhe apenas com estimativas (UNICEF, 2001).

- ✘ Segundo estimativas do UNICEF (2001), a cada ano 1 milhão de crianças são introduzidas na indústria sexual em todo o mundo.
- ✘ Na região da América Latina, cerca de 2 milhões de crianças são sexualmente exploradas (CATW, s/d).
- ✘ Em países como México, estima-se que o número de crianças exploradas seja em torno de 16 mil (UNICEF, 2001).
- ✘ No Brasil, segundo estudos governamentais, foram identificados 932 municípios e localidades em que ocorre a exploração sexual comercial infanto-juvenil². Segundo a OIT, cerca de 100 mil crianças são sexualmente exploradas no país³.

2 Matriz Intersetorial de Enfrentamento da Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes – Secretaria Especial de Direitos Humanos – Governo Federal. Acessível em: <http://www.caminhos.ufms.br/matrizdados/resumomatriz.pdf>

3 Programa “Na Mão Certa”, acessível em www.namaocerta.org.br



Por que é importante trabalhar na prevenção da ESCCA?

- ✘ Porque configura uma transgressão legal e uma violação do direito à liberdade individual da população infanto-juvenil, pois envolve crianças e adolescentes em práticas sexuais coercitivas ou persuasivas;
- ✘ Porque é uma forma de violência sexual e de gênero;
- ✘ Porque atenta contra o direito à proteção, em relação à violência e a integridade física e moral de crianças ou adolescentes;
- ✘ Porque representa um risco ao desenvolvimento pleno desta população, seja no nível físico, social ou psicológico;
- ✘ Porque é um problema de saúde pública — causa danos diretos à saúde da criança ou adolescente.

Vale lembrar que a exploração sexual infanto-juvenil está listada entre as cinco piores formas de trabalho infantil pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), de acordo com a Convenção 182, de 1999.

É possível prevenir a ESCCA?

São possíveis três tipos de prevenção da ESCCA⁴:

a) **Prevenção primária:** abordagens que visam a evitar a violência sexual antes que ela ocorra, refletindo sobre as atitudes e práticas culturais que reforçam a desigualdade de gênero como causa da violência e da exploração sexual. Esses são os nossos objetivos: (1) questionar as práticas machistas que produzem uma visão da mulher como objeto e (2) refletir sobre as práticas de socialização dos homens adolescentes entre 10 e 14 anos e como essas práticas podem favorecer à construção de diferentes visões do que é ser homem, do que é ser mulher, do que é sexualidade e do que são relações de gênero.

b) **Prevenção secundária:** respostas mais imediatas à exploração sexual, tais como assistência pré-hospitalar, serviços de emergência, tratamento de doenças sexualmente transmissíveis após uma violência sexual e oferta de contracepção de emergência.

4 Prevenção à violência sexual contra a mulher: <http://www.ess.ufrj.br/prevencaovienciasexual/prevencao.htm>



c) **Prevenção terciária:** busca oferecer assistência de longo prazo no caso de violência sexual, como reabilitação e reintegração, e diminuir o trauma ou reduzir a invalidez de longo prazo associada à violência.

Qual o papel de educadores e profissionais na promoção de uma cultura de igualdade e equidade entre homens e mulheres adolescentes?

Cabe a educadores e profissionais que trabalham com adolescentes promover uma cultura de igualdade por meio de reflexões críticas sobre o que é ser homem e as relações desiguais de poder entre homens e mulheres. Uma das lições aprendidas por organizações que trabalham com os temas de gênero e masculinidade é que é necessário começar cada vez mais cedo esse processo de reflexão crítica. Trabalhar com adolescentes favorece a construção de uma geração de homens (e de mulheres também) com relações de maior equidade com as mulheres (e homens também).

Para a prevenção da ESCCA, faz-se necessário, portanto, trabalhar com os homens adolescentes a partir de uma perspectiva de gênero que favoreça:

- a) Um olhar atento para as necessidades específicas dos homens adolescentes em termos de seu desenvolvimento, observando seu processo de socialização e ajudando-os a entenderem por que se sentem pressionados a se comportarem dessa ou daquela maneira;
- b) O engajamento de homens adolescentes em discussões e reflexões sobre as desigualdades de gênero, levando-os a assumirem um papel importante na construção de relações mais igualitárias entre homens e mulheres.





Como proceder quando uma criança relata que está sendo sexualmente explorada?

Quando a criança relata algum episódio é preciso, acima de tudo, acreditar nela e disponibilizar o máximo de apoio possível. Deve-se considerar que antes de contar a alguém sobre o ocorrido, a criança provavelmente passou por um momento de extremo conflito que culminou na decisão de relatar o caso. Portanto, se neste primeiro momento a criança não for acolhida, ela pode se sentir desmotivada a continuar apresentando a acusação. Deve-se também garantir à criança que o seu sigilo será respeitado, e que será dado um encaminhamento ao caso junto aos mecanismos legais. É importante que se faça uma pesquisa sobre tais mecanismos no país ou cidade em que o caso aconteceu.

Quais são as convenções e aparatos legais que protegem a criança e o adolescente contra a ESCCA?

Uma das convenções mundiais mais importantes, que protege crianças e adolescentes de serem explorados sexualmente, é a Convenção dos Direitos da Criança, em que os países se comprometem a proteger a criança contra todas as formas de exploração e abuso sexual, tomando medidas necessárias para impedir:

- a) o incentivo ou coação para que uma criança se dedique a qualquer atividade sexual ilegal;
- b) a exploração da criança na prostituição ou outras práticas sexuais ilegais;
- c) a exploração da criança em espetáculos ou materiais pornográficos;
- d) o seqüestro, a venda ou o tráfico de crianças para qualquer fim ou sob qualquer forma.

Cada país tem sua própria legislação no que se refere à proteção dos direitos das crianças e adolescentes. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê sanções para adultos que explorem sexualmente crianças e adolescentes. Na Nicarágua, no México e no Peru existem leis e códigos que protegem os direitos das crianças e adolescentes em que a ESCCA aparece explicitamente como um tema importante a ser enfrentado pelas autoridades.

ESCCA é Abuso Sexual?

Embora a Exploração Sexual seja uma forma de violência sexual grave, e alguns técnicos a considerem uma das formas de abuso, é importante destacar que ESCCA e Abuso Sexual não são sinônimos. Existem algumas características que diferem a ESCCA do Abuso Sexual propriamente





dito, e que fazem com que o tema da ESCCA mereça atenção diferenciada para sua prevenção. São estas as principais diferenças:

ESCCA	Abuso Sexual
Comércio – rede criminosa	Dentro ou fora da família
As vítimas são, geralmente, das classes mais pobres	Presente em todas as camadas da população, dos mais ricos aos mais pobres
Mais visível	Muitas vezes, acobertado pela família
Presentes em estradas, turismo e pornografia	

Fonte: www.andi.org.br

Abuso Sexual é a utilização do corpo de uma criança ou adolescente por um adulto, com intencionalidade sexual. O Abuso Sexual acontece com ou sem o uso de violência física, através de sedução, chantagem, ameaça ou mentiras, tendo como causa uma relação de poder. Geralmente, este adulto tem uma relação de afeto, confiança, parentesco e autoridade com a criança ou adolescente, o que, muitas vezes, faz com que a vítima se cale e obedeça aos pedidos feitos pelo abusador. O abuso sexual sempre provoca seqüelas traumáticas severas na pessoa que o sofre, e quase sempre ocorre em lugares mais seguros, como casa, escola e igreja.

O que é pornografia infantil?

Pornografia, como visto antes, é uma das práticas mais comuns de ESCCA. A definição legal do que constitui “pornografia infantil” varia de país para país, de acordo com as diferentes estruturas legislativas e com a cultura local. Em alguns lugares existe uma definição com critérios bem precisos, enquanto em outros os juízes têm que fazer interpretações sobre cada caso. A Save the Children (2005) define pornografia infantil como qualquer representação de uma criança envolvida em atividades sexuais simuladas ou explícitas, ou de seus órgãos genitais para propósitos sexuais. De maneira geral, a pornografia infantil pode se apresentar de três formas⁵:

5 www.wikipedia.com.br – verbete: Pornografia Infantil.



- ✘ pornografia ou cenas de sexo explícito apenas entre crianças, ou apenas entre crianças e adolescentes;
- ✘ pornografia ou cenas de sexo explícito entre adultos e adolescentes;
- ✘ pornografia ou cenas resultantes da prática de pedofilia, ou seja, cenas de sexo explícito entre adultos e crianças pré-púberes.

Em alguns lugares a categoria “erotismo infantil” está excluída da definição de pornografia infantil e, portanto, torna-se permitida legalmente. Em outros locais ela é expressamente proibida, enquanto há países onde o tema está em aberto para a interpretação de juízes. A exclusão da categoria “erotismo infantil” traz conseqüências muito sérias, principalmente no uso da Internet como fonte de divulgação de imagens de pornografia infantil. Muitas páginas se valem desta categoria para lançar este conteúdo, às vezes sob o pretexto de serem imagens artísticas. Existem outros casos em que são exibidas imagens de “erotismo infantil” na página principal, mas, mediante pagamento, o usuário pode ter acesso a fotos de conteúdo explicitamente pornográfico.

O que é turismo com fins de exploração sexual?

O turismo com fins de exploração sexual é uma das formas mais comuns de se promover a ESCCA. Consiste na organização de excursões turísticas com o objetivo implícito de proporcionar prazer sexual a turistas estrangeiros ou de outras regiões do país, freqüentemente envolvendo agenciamento de crianças e adolescentes para oferta de serviços sexuais. Deve-se ressaltar que a presença do turismo sexual com turistas estrangeiros estimula o tráfico de pessoas com a finalidade de prostituição internacional⁶.

O que é tráfico de seres humanos com fins de ESCCA?

O tráfico de pessoas significa o recrutamento, o transporte, a transferência, o acolhimento e o recebimento de pessoas, por qualquer meio, para o trabalho forçado, a escravidão ou práticas semelhantes à escravidão ou à servidão, ou ainda a remoção de órgãos. Alimentar o mercado do sexo é uma das principais finalidades desse negócio, por isso é um tema importante quando se trata de ESCCA.

6 Protocolo Completo da ONU contra o tráfico de pessoas: <http://www.acnur.org/biblioteca/pdf/3556.pdf>



- ✘ Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), anualmente 2,45 milhões de pessoas são traficadas no mundo. Desse total, estima-se que 50% sejam crianças;
- ✘ De acordo com a ONU, 4 milhões de mulheres e 2 milhões de menores são traficados em negócios sexuais em todo o mundo (El País, 25/02/2007);
- ✘ O tráfico de pessoas é uma atividade que movimenta 32 bilhões de dólares a cada ano, de acordo com a OIT, 2004 (2005);
- ✘ De acordo com estimativas do ano de 2005 do State Department Trafficking in Persons Report (TIP), dos EUA, entre 600 mil e 800 mil pessoas são traficadas por ano através de fronteiras internacionais. Desse total, estima-se que 80% são meninas e mulheres e que 50% têm menos de 18 anos;
- ✘ Dados da OIT (Djordijevic, s/d) mostram que existem 12,3 milhões de pessoas no mundo submetidas a trabalho escravo, regime de servidão por dívida, trabalho infantil forçado, escravidão sexual e outras formas de trabalho forçado.

Por que é inadequado usar o termo “prostituição” quando se trata de crianças e adolescentes?

O motivo mais forte para não se utilizar o termo “prostituição infantil” é que, por meio dele, se promove uma maior discriminação das crianças e jovens, e não se atribui responsabilidade aos adultos que cometem este delito. O uso do termo ESCCA propõe uma inversão para que a ênfase não recaia sobre a “criança prostituída”, mas sim sobre o “adulto explorador”.

Outro motivo pelo qual se opta por utilizar o termo ESCCA é que ele engloba as mais variadas práticas de exploração cometidas contra crianças e adolescentes, tais como a pornografia, o turismo sexual e o tráfico de pessoas para fins de comércio sexual.

Crianças e adolescentes não estão em condições de decidir fazer sexo por dinheiro. Esta é uma condição que lhes foi imposta.





Mitos e estereótipos envolvidos na ESCCA ^{6,7}:

Mito 1: “É prostituição”

Realidade: A ESCCA é uma violação dos direitos humanos fundamentais das crianças e jovens. Crianças e adolescentes não escolhem este tipo de atividade, ao contrário da prostituição, em que a pessoa tem condições de decidir por este trabalho, por ser maior de idade.

Mito 2: “As crianças e adolescentes estão nisso porque gostam”

Realidade: As crianças não escolhem entrar na prostituição. As pessoas menores de idade costumam ser cooptadas por exploradores. Não se envolvem porque gostam ou porque querem. Muitas têm um histórico de abuso sexual que as deixam com a sensação de desamparo, além da baixa auto-estima e a perspectiva de que sexo é uma coisa suja. É preciso considerar que estas crianças são, portanto, vítimas de uma forma atual de escravidão.

Mito 3: “Crianças e adolescentes ganham muito dinheiro”

Realidade: Os únicos que se beneficiam com o trabalho sexual infantil são os exploradores.

Mito 4: “Os exploradores são, na maioria das vezes, doentes psiquiátricos ou pessoas de idade avançada”

Realidade: Os estudos e investigações demonstram que o explorador pode ser um adulto de qualquer idade. Além disso, estes mesmos estudos indicam que os exploradores não apresentam nenhum comportamento psíquico anormal.

Mito 5: “Só ocorre em ambientes de extrema pobreza”

Realidade: Pode-se dizer que a pobreza cria condições que podem contribuir para a exploração sexual, mas ela ocorre em qualquer faixa sócio-econômica. Outros fatores podem contribuir para a ocorrência de exploração, como crises familiares, globalização, cultura local e flexibilidade das leis. Um exemplo da ocorrência de ESCCA em classes mais altas é a modalidade de cooptação de crianças pela Internet, através de salas de bate-papo eletrônico ou sites de relacionamento.

7 Miisterio de la Mujer y Desarrollo Social (Peru): <http://www.mimdes.gob.pe/dgna/explotacionsexual/mitos.htm>.

8 UNICEF (2001): Profiting from abuse.





Mito 6: “Fazer sexo com uma virgem ou com uma criança pode prevenir ou curar DST/AIDS”

Realidade: As crianças que são exploradas sexualmente representam um risco ainda maior para se contrair DST/AIDS. Isto ocorre por dois motivos: por elas não terem como se defender de agressores que não queiram usar preservativos, e também porque o corpo infantil, ainda em desenvolvimento, tem menos defesas para resistir a estas doenças.

Mito 7: “Os efeitos do abuso sexual contra a criança são claros e evidentes”

Realidade: As evidências físicas do abuso são raras. Não existe um comportamento específico que sinalize para os adultos que o abuso sexual ocorreu. As crianças podem exibir uma série de comportamentos, tais como: dificuldade de concentração na escola; afastamento em relação aos membros da família e aos amigos; distúrbios no sono; depressão; irritabilidade; aumento ou diminuição súbita no apetite; agressividade; brincadeiras sexuais inadequadas com colegas, brinquedos ou consigo mesmo; sinais de regressão como chupar dedo, urinar na cama etc.; uso de álcool e drogas.

No entanto, esses comportamentos não são unívocos, isto é, eles podem significar que a criança está passando por alguma outra dificuldade que não seja abuso ou exploração sexual. Por isso, é sempre recomendável estabelecer um diálogo com a criança.

Mito 8: A ESCCA só acontece em lugares afastados

Realidade: Acontece também nos centros urbanos, onde há grande movimento de pessoas.

Como saber mais?

Cada país possui uma legislação específica no que diz respeito ao Abuso e Exploração de Crianças e Adolescentes. Por exemplo, no Brasil, existe o Estatuto da Criança e do Adolescente, que possui leis que protegem crianças contra os maus-tratos. No Peru, existe o *Código de los Niños y Adolescentes* e na Nicarágua o *Código de la niñez y la adolescencia*. Ao fazer uma pesquisa na Internet, pode-se encontrar as diferentes formas de como países do mundo inteiro tratam o tema, seus recursos, organizações, além de vários exemplos de campanhas, com demonstração de cartazes e materiais. Nos websites abaixo, podem ser encontradas informações e pesquisas sobre ESCCA:

- ✘ Save the Children: www.savethechildren.org
- ✘ Organização Internacional do Trabalho: www.oitbrasil.org.br
- ✘ ECPAT International: www.ecpat.net






Atividades Educativas







Como utilizar as atividades deste manual?

As atividades educativas presentes neste manual foram testadas em quatro países (veja anexo sobre a testagem). No entanto, sabemos que cada grupo de jovens em que estas atividades serão realizadas possui uma dinâmica e uma forma de interação que lhes são específicas. Deste modo, o facilitador deve se sentir livre para adaptá-las conforme a necessidade do grupo e seu contexto. As notas para planejamento contêm dicas para a organização das atividades, oferecendo também opções alternativas que se adaptem a cada contexto.

Na lista de materiais sugeridos, podem ser acrescentados outros que permitam a criatividade e atraiam a atenção dos jovens. Tais materiais devem ser adaptados ao contexto e podem ser trocados por outros que tenham o mesmo efeito e um custo mais baixo.

As atividades são organizadas de modo a facilitar seu entendimento e realização. Cada uma compreende os seguintes itens:

Objetivo

Descrição da informação específica, das reflexões e habilidades que serão adquiridas na atividade. Ao menos que as instruções da própria atividade digam algo contrário, o(a) facilitador(a) deve compartilhar a proposta com os participantes no início de cada atividade.



Materiais requeridos

Os materiais necessários para a realização da atividade — Na maior parte dos casos, incluem materiais básicos como *flip-chart* e marcadores (caneta-pilot). Nos casos em que os materiais listados não puderem ser facilmente acessados, o facilitador terá liberdade para improvisar. Por exemplo, *flip-chart* e marcadores podem ser substituídos por cartolinas, papel pardo, jornais ou giz e quadro-negro.

Tempo recomendado

Intervalo de tempo recomendado para a realização da atividade — As atividades do manual são projetadas para sessões de no máximo 1 hora para não cansar os participantes. Mas dependendo do número de participantes e de outros fatores, o tempo para a realização de cada atividade pode variar. É importante trabalhar no ritmo dos participantes.

Dicas para planejamento

Informação de apoio e dicas para ajudar o facilitador a se preparar para a atividade.

Procedimento

As etapas para a realização da atividade — De modo geral, as atividades são redigidas para serem facilmente adaptáveis a grupos com diferentes níveis de domínio da leitura e da escrita, mas o facilitador deve estar atento para avaliar se as etapas são factíveis e apropriadas para os participantes. Por exemplo, quando o procedimento exige a leitura de um texto, o facilitador pode optar por ler o texto em voz alta. É também recomendável que o facilitador execute 'aquecimentos' antes de cada atividade, sobretudo aqueles que consistam em conversação ou envolvam alguma atividade física.

Perguntas para discussão

Servem para estimular o diálogo no grupo. São apenas sugestões de perguntas que deverão ser complementadas pelo facilitador a partir das reflexões que surgirem entre os participantes.

Fechamento

Fornece os principais pontos ou mensagens da atividade.

Folhas de Apoio

Contêm ferramentas que complementam as atividades.





Dicas para a realização das atividades com adolescentes de 10 a 14 anos

Todo ser humano é capaz de imaginar e possui idéias baseadas em suas experiências pessoais. Os adolescentes estão em fase de descobertas e reivindicam suas próprias opiniões sobre os fatos que os cercam. O papel do facilitador é promover um ambiente que explore as idéias de cada um, permitindo as trocas entre os participantes das atividades educativas. O resultado do trabalho deve ser ajudar o grupo a organizar suas idéias e a refletir um pouco mais sobre um determinado tema, a partir de sua própria experiência e das experiências de seus pares.

Um trabalho educativo deve partir do conhecimento de cada um. A absorção de novas informações ocorre através da acomodação entre saberes já existentes. É necessário haver uma base para a compreensão de novos conteúdos. O processo de aprendizagem acontece a partir da reflexão, revisão e adaptação de conhecimentos anteriores. Não existem pessoas vazias, sem conhecimento. A partir de sua experiência, os indivíduos adquirem opiniões sobre os fatos que os cercam. E isto acontece desde muito cedo. Para que um processo educativo seja eficiente, é necessário permitir trocas entre o que o facilitador traz de informações e o que o participante traz como experiência de vida. O facilitador deve estar aberto para ouvir e buscar compreender as reflexões e questionamentos dos adolescentes.

Em geral, a partir dos 11 anos de idade, o adolescente já é capaz de pensar abstratamente como um adulto. Nesta fase, é possível estimular a discussão de situações reais, bem como o uso de materiais que transmitem conteúdo através de texto, desde que este conteúdo seja básico. São aconselhados também jogos com regras básicas e materiais de manuseio para exemplificar algo





na vida real, pois desde os 7 anos a criança já começa a estabelecer comparações e deduções a partir da observação de materiais concretos.

Expressar opiniões na frente de outras pessoas nem sempre é tarefa fácil, principalmente para adolescentes. Jogos e brincadeiras ajudam a manter a atenção do adolescente e a fazer com que se sintam mais à vontade para dizer o que pensam. É necessário que os encontros sejam bem animados e breves para atrair sua participação. Este bloco apresenta algumas dicas importantes para que o facilitador proporcione um ambiente de aprendizagem criativo e lúdico, permitindo que os adolescentes se expressem da melhor maneira possível.

Característica de um bom facilitador

A postura do facilitador é fundamental para atrair a atenção e a confiança dos adolescentes. Antes de tudo, o facilitador não tem a função de professor. Para promover mudanças de atitudes, mais eficaz do que informar é promover a sensibilização e a reflexão dos participantes. As informações devem ser dadas a partir das dúvidas apresentadas pelos adolescentes, entre uma discussão e outra.

Ser simpático, entusiasta e ter bom senso de humor faz com que os participantes se sintam mais à vontade. No entanto, piadas sobre as respostas do grupo, ou que reforcem estereótipos ou preconceitos devem ser evitadas. É necessário que o facilitador seja neutro, evitando julgamentos e a expressão de opinião pessoal. Isto inclui também a linguagem não verbal. É necessário evitar qualquer reação que transpareça julgamento. Estar atento e ter boa escuta também são características de um bom facilitador. Isto auxilia na condução das atividades e na colocação de boas perguntas. Em atividades que propõem a reflexão, fazer perguntas adequadas em momentos certos é mais importante do que respondê-las.

Algumas questões éticas, para começar

Para que os adolescentes se sintam à vontade para expressar suas idéias é importante que o facilitador comece por garantir a confidencialidade do que será dito pelo grupo. Apesar da discussão cada vez mais freqüente sobre os temas presentes neste manual, muitos adolescentes ainda se sentem constrangidos ao falar sobre assuntos relacionados à sexualidade ou relacionamentos. No caso dos homens adolescentes, estes temem parecer bobos ou ignorantes diante de assuntos que “deveriam ser dominados por homens”, de acordo com as normas de gênero vigentes em nossa sociedade. É importante que fique claro que nada do que for dito poderá ser julgado pelos participantes ou divulgado fora do grupo, principalmente para seus pais e professores.





Se um adulto procurar o facilitador para perguntar sobre o que foi dito pelos adolescentes, deverá ser-lhe explicada a confidencialidade prometida ao grupo. O facilitador pode sugerir que o adulto pergunte diretamente ao adolescente, deixando-o à vontade para responder se assim o desejar.

O facilitador poderá também dizer que falar sobre determinado assunto não significa que não possamos preservar os segredos que não queremos compartilhar. Podemos esclarecer dúvidas, dar nossa opinião sobre algum tema e refletir sobre nossas atitudes sem necessariamente contar nossas experiências pessoais. É importante que o adolescente não se sinta obrigado a contar o que não quer, para que continue participando da discussão em grupo.

Mesmo que haja autorização dos pais para que seus filhos participem das atividades educativas, é importante que os adolescentes concordem em fazer parte da discussão. Antes de iniciar o trabalho, o facilitador pode apenas perguntar se todos estão de acordo. Isto pode ser interpretado como um sinal de respeito pelos adolescentes e poderá ser lembrado toda vez que algum participante demonstrar desinteresse pelo trabalho.

Acordos

Estabelecer um contrato de convivência coletivo, desde o início do primeiro encontro, é importante para estimular a participação do grupo e o cumprimento das regras sugeridas. O facilitador deve perguntar aos adolescentes o que é importante para um bom trabalho em grupo. As regras citadas poderão ser escritas em um quadro, cartolina ou *flip-chart* e deixadas em um local visível até o último encontro, para que possam ser apontadas cada vez que alguém descumpri-las. O facilitador pode lembrar aos adolescentes que as regras foram escolhidas em conjunto. Isto evita demonstração de poder por parte do facilitador e seu distanciamento do grupo.

Lembre-se que nenhum adolescente é obrigado a participar da atividade, estando livre para sair no momento em que não se sentir mais à vontade, ou não estiver de acordo com as normas de convivência. Tente oferecer a possibilidade de saída da atividade, sem demonstrar autoridade, mas como sinal de respeito com os outros participantes.

Para grupos com dificuldade de leitura, pode-se desenhar símbolos em vez de escrever as regras.





Integração/ Aquecimento

Uma das tarefas mais importantes para um trabalho que propõe a troca de opiniões entre os participantes é a integração do grupo. Em primeiro lugar, é importante que os adolescentes sejam apresentados para que expressem com mais facilidade suas opiniões. A utilização de dinâmicas e jogos de apresentação auxiliam na descontração do grupo e aumenta sua confiança.

Atividades de aquecimento e intervalos para lanche também auxiliam na integração dos participantes e ajudam a retomar a concentração. Adolescentes na faixa de 10 a 14 anos costumam ter bastante energia e, durante atividades que demandam um longo tempo de diálogo, sua atenção começa a ser desviada para o que está à sua volta. Deve-se destacar, no entanto, que as dinâmicas de aquecimento precisam ser bem situadas durante a atividade do dia. Quando utilizadas apenas para preencher o tempo vago, podem quebrar o ritmo de trabalho.

Assim como a técnica utilizada para promover determinada reflexão, o aquecimento do grupo também tem um propósito. Estas atividades fazem com que os participantes esqueçam o que está à sua volta e auxiliam na mudança de ritmo, relaxando, aquecendo ou sensibilizando o grupo. Para isto, devem ter a atenção focada em como os participantes estão se sentindo naquele momento, para que se dê continuidade na discussão em grupo.





O tempo

Uma das tarefas do facilitador é o controle do tempo, tanto do total da atividade, quanto da expressão de cada participante. Uma dica importante é ser flexível com o tempo. Em geral, os adolescentes não conseguem se concentrar em uma atividade por mais de uma hora. Por isso, sugerimos que as atividades sejam bastante lúdicas e dinâmicas. No entanto, é possível que o grupo queira continuar uma discussão ou, por exemplo, completar um desenho com elementos importantes para a compreensão de um determinado tema. Sendo assim, é importante permitir mais tempo para que os adolescentes expressem o que desejam. Sempre reserve mais tempo para uma atividade do que imagina que ela levará.

O tempo de silêncio após alguma pergunta geralmente gera ansiedade nos facilitadores. Mas o silêncio, muitas vezes, é produtivo. É sinal que o grupo está refletindo sobre a questão. Se o tempo for longo demais, pode ser sinal que os adolescentes não compreenderam bem a questão. O facilitador pode então refazê-la ou utilizar outros estímulos para promover a discussão. Se algum adolescente, apesar dos estímulos, não quiser falar, não é necessário insistir. Todos devem se sentir à vontade para falar no momento desejado.

Perguntas

As perguntas são ferramentas importantes para estimular a reflexão do grupo. Para fazê-las é preciso que o facilitador apresente uma escuta atenta e observe os sinais não verbais dos participantes. As perguntas devem ser claras para o grupo, utilizando sua linguagem. Para estimular a reflexão são indicadas perguntas abertas. Perguntas fechadas (sim ou não) servem apenas para obter alguma informação rápida. O facilitador deve ter cuidado para não influenciar as perguntas, tanto por sua forma de elaborar as questões, quanto por seu comportamento. A conversa deve ser estimulada entre os participantes e não diretamente com o facilitador.

Cada técnica apresentada neste manual apresenta um conjunto de questões para discussão. No entanto, estas questões são apenas sugestões de aspectos que enriquecem ou complementam a discussão sobre o tema. O facilitador deverá fazê-las na ordem em que surgirem no grupo e da maneira que melhor convier. Algumas perguntas básicas ajudam a aprofundar as respostas dadas pelos adolescentes, tais como: *como se faz isso?, de que maneira?, como você se sente?, o que você pensa?, vocês podem me falar mais sobre isso?, podem dar exemplos?*, entre outras. As perguntas também podem ser substituídas ou reorientadas.

Muitas vezes, uma reflexão verbal profunda não é uma boa opção para adolescentes de 10 a 14 anos. É preciso que o facilitador estimule a expressão do grupo de forma mais criativa, utilizando exemplos do próximo item.





Tornando a atividade mais lúdica

Para grupos na faixa entre 10 e 14 anos, é importante que o facilitador abuse de atividades que deixem o grupo livre e permitam a expressão de sua criatividade. Embora todas as atividades deste manual tenham um componente lúdico em sua construção, as discussões podem ser complementadas por desenhos, pinturas, recorte e colagem, poesias, dramatizações, músicas, entre outros exercícios que deixem os participantes mais livres e que estimulem respostas não verbais para as questões propostas.

Para chamar a atenção do grupo para a fala do facilitador, este poderá utilizar técnicas como tempestade de idéias, contar casos, dramatizar questões, apresentar vídeos, fotos, entre outros recursos visuais que auxiliem a compreensão da questão ou tema proposto.

Grupos mistos

Embora este manual tenha sido desenvolvido para trabalhar com homens adolescentes entre 10 e 14 anos, é possível que as técnicas sugeridas sejam aplicadas também em grupos de mulheres adolescentes ou grupos mistos. No entanto, é importante mencionar que, especialmente na faixa entre 10 e 12 anos, existe uma diferença notável de maturidade tanto física quanto psicológica. Para se defender da intimidação causada pela maturidade das mulheres, homens nesta faixa etária costumam provocá-las com pequenas brincadeiras ou insultos. Na frente de mulheres adolescentes, homens dessa faixa etária tendem a perguntar menos para não parecer ingênuos ou ignorantes em relação à sexualidade. Do mesmo modo, meninas se retraem para não dar a impressão de que são “atiradas” ou “avançadas”.

A fim de que isto seja evitado, é aconselhável que adolescentes homens e mulheres participem da atividade em grupos separados. Em todo caso, se isso não for possível, o facilitador deve estar atento para utilizar a diferença entre os sexos como pretexto para colaboração e reflexão sobre os papéis de gênero.

Facilitadores homens ou mulheres?

Quem deve facilitar atividades de grupo com homens adolescentes? Somente homens podem ser facilitadores para trabalhar com homens adolescentes? A experiência de algumas organizações que trabalham com homens jovens é que em alguns contextos, estes homens preferem trabalhar e interagir com um homem como facilitador, que poderá escutá-los e, ao mesmo tempo, servir de modelo em alguns aspectos para pensar o significado de ser homem. Contudo, nossa experiência coletiva sugere que a qualidade do facilitador – a habilidade, do homem e da mulher enquanto facilitadores, de engajar o grupo, de escutar e motivar as pessoas – é fator mais impor-



tante que o seu sexo. Na testagem das atividades deste manual, houve a participação de mulheres, o que pareceu não influenciar ou constranger as respostas dos adolescentes. Nós também acreditamos que seja útil ter facilitadores que trabalhem em pares, às vezes em pares mistos (homem e mulher), o que traz importante contribuição para os homens jovens: homens e mulheres que trabalham juntos para construção de igualdade e respeito.

Grupo de discussão não é grupo terapêutico

Menos comum entre homens adolescentes é transformar um grupo de discussão em uma chance de desabafar sobre problemas pessoais, ou « fazer terapia » de grupo, dominando grande parte do tempo reservado para discussão. No entanto, isto pode acontecer. É importante que o facilitador fique atento para o fato de que embora aquele seja um espaço de reflexão sobre determinados temas a partir de experiências vividas, não é momento de solução de conflitos internos. O facilitador não é um terapeuta. Ouvir experiências pessoais pode favorecer reflexões importantes no grupo. Às vezes, os participantes só querem contar sua história, mas é preciso ter cuidado, principalmente se o adolescente espera que o facilitador o ajude a resolver conflitos psicológicos. Sugere-se que, quando um participante comece a contar seus problemas pessoais, o facilitador transforme o caso em questão para o grupo, perguntando a opinião dos outros sobre o tema de maneira geral, tomando o cuidado de não transformar o momento em aconselhamento e de não interromper o participante de maneira brusca. Ao final do encontro, o facilitador pode encaminhar o adolescente para algum serviço de aconselhamento especializado ou sugerir que converse com seu responsável.

Suspeita de abuso ou violência

Nos casos de suspeita de abuso ou violência de qualquer tipo, sugere-se que o facilitador pesquise os serviços disponíveis na sua comunidade para encaminhar o adolescente para um atendimento adequado. Esta é uma questão muito delicada e deve ser encaminhada para o profissional habilitado para cuidar desses casos. Ao tentar resolver isto sozinho, o facilitador pode causar mais danos à saúde psicológica do adolescente.



Bloco 1 Socialização de Gênero

A forma como os homens entendem e vivem sua sexualidade está estreitamente relacionada à maneira como são socializados e às normas sociais a respeito de como devem se comportar. A socialização é um processo que se inicia desde o nascimento, a partir de mensagens, valores, pressões e limites que recebemos através de nossa educação. Muitas vezes, o que apreendemos através de nosso processo de socialização é tomado como natural e deixamos de refletir e questionar sua lógica.

Em nossa sociedade, em geral, os homens são educados para serem dominantes e mais resistentes. Enquanto mulheres são socializadas para serem carinhosas e cuidar do lar e dos filhos, os homens são socializados para se “virarem” na rua e a usar a violência como uma das formas de resolver conflitos. Além disso, os homens costumam começar sua atividade sexual antes das mulheres, e são estimulados a ter mais parceiras sexuais ao longo de sua vida. O sexo costuma ser uma forma de se afirmar como homem, uma conquista para ser contada aos amigos.

Para facilitar a compreensão e a transformação das desigualdades que as sociedades constroem sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, utilizamos o conceito de gênero. Isto se refere ao que a sociedade nos ensina sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, e os papéis de ambos, a partir de uma interpretação de suas diferenças biológicas. É importante ressaltar, como veremos em uma das técnicas desta seção, que gênero é diferente de sexo. Enquanto o primeiro diz respeito ao que aprendemos, e como nos comportamos e agimos, tornando-nos homens e mulheres, sexo diz respeito ao que é biológico e nasce com a gente (pênis, vagina, seios).

Acreditamos que esta diferença na forma como homens e mulheres são socializados, apesar dos custos para ambos, confere privilégios e poder aos homens, e que isto influencia a ocorrência de ESCCA. É importante estimular uma reflexão sobre normas de gênero entre homens adolescentes, para que, desde cedo, sejam capazes de questionar modelos e comportamentos injustos. A primeira seção deste manual tem isto como propósito, introduzindo o conceito de gênero, cujo enfoque permeia todas as outras seções.





Técnica 1

A vida dentro de uma caixa: os homens devem... as mulheres devem...⁹

Objetivos

Discutir sobre estereótipos e expectativas de gênero e observar como os mesmos limitam as escolhas de homens e mulheres. Auxiliar a compreensão sobre a diferença entre sexo e gênero.

Materiais necessários

Folha de apoio “Pensando sobre características tradicionais atribuídas a mulheres e homens” (ou folha de papel A4), lápis ou caneta.

Tempo da atividade

1 hora.

Dicas para planejamento

Este exercício trabalha também as distinções entre sexo (as diferenças biológicas entre os corpos de homens e mulheres) e gênero (as construções históricas, culturais e sociais feitas sobre o corpo de homens e mulheres, que resultam nas definições e conceitos de masculino e feminino). Ao contrário do sexo, que é uma característica geralmente imutável, as definições de gênero mudam de geração a geração, de cultura para cultura e dentro de diferentes grupos sócio-econômicos e étnicos. Como diz o título da técnica, as construções de gênero geralmente são carregadas de estereótipos que colocam homens e mulheres “dentro de caixas”, ditando o que é apropriado e inapropriado para cada um e, assim, limitando sua capacidade de aprendizado e crescimento.

Procedimento

- 1 Cole duas folhas de cartolina ou folhas de *flip chart* na parede e deixe canetas, lápis, cola e papéis coloridos à disposição dos participantes.

⁹ Adaptado de “Education & Action Kit”. White Ribbon Campaign. Toronto, Ontario, Canada, 2005.





- 2 Peça que desenhem uma menina em uma das folhas e, na outra, um menino. Todo o grupo deve participar junto deste processo, de modo que vai haver um só desenho feito por todos os participantes.
- 3 Estimule que coloquem o máximo possível de detalhes e que criem uma personalidade para os desenhos, imaginando, por exemplo, um nome, idade, o que faz como lazer, quais são suas preferências etc.
- 4 Em seguida, peça que se sentem em círculo e analisem os desenhos, observando todas as diferenças.
- 5 Em um *flip chart* desenhe duas caixas (ou quadros): uma com a palavra mulher e a outra com a palavra homem.
- 6 Peça aos participantes para dizerem as características tipicamente femininas dos desenhos ou nomes de coisas associadas à idéia de “ser mulher”, ou mesmo comportamentos. Na medida em que os participantes citarem, escreva o que disserem dentro da caixa com a palavra mulher. As respostas podem ter características tanto positivas quanto negativas. Estimule que citem, inclusive, os órgãos sexuais ou características biológicas. O facilitador pode perguntar “o que a menina tem que o menino não tem?” e vice-versa, para ajudar a pensar sobre as diferenças.
- 7 Faça o mesmo para “ser homem” ou as características tipicamente associadas ao menino dos desenhos.
- 8 Troque os títulos de cada caixa, ou seja, substitua a palavra mulher pela palavra homem na primeira caixa, e vice-versa. Pergunte aos participantes se as características listadas para os homens poderiam ser atribuídas às mulheres e vice-versa. Explique que as características que não podem ser atribuídas tanto aos homens quanto às mulheres são consideradas biológicas, e as características que podem ser atribuídas a ambos diz respeito ao gênero.
- 9 Utilize as questões abaixo para facilitar a discussão.

Perguntas para discussão

- ❏ O que significa ser uma mulher?
- ❏ O que significa ser um homem?
- ❏ Vocês acham que homens e mulheres são criados da mesma forma? Por quê?
- ❏ Que características vocês acham que têm semelhantes ao menino desenhado? Por quê?
- ❏ Algumas características da menina são importantes para homens adolescentes também? Quais? Muitos homens adolescentes apresentam essas características? Se não, por quê?





- ✘ Qual efeito que nossas famílias e amigos têm em nossas percepções sobre o significado de ser homem ou mulher?
- ✘ O que acontece quando homens adolescentes tentam escapar da “caixa” (não têm as características listadas para um adolescente)? E com os homens adolescentes que vivem ou tentam ao máximo se adaptar a essa caixa, o que acontece? Existe alguma pressão para que homens adolescentes continuem em suas caixas?

Nota: O que observamos, é que existe um sistema de recompensas e punições que mantêm homens adolescentes e homens adultos em suas “caixas”. Um bom exemplo disso é a exaltação da virilidade entre os homens, que é algo ainda muito valorizado e cobrado mas que, ao mesmo tempo, torna os mesmos vulneráveis à violência.

- ✘ Como essas diferenças entre o que significa ser homem ou mulher afetam o nosso dia-a-dia? E nossa relação com namorado ou namorada?
- ✘ Vocês acham que essas diferenças de gênero possuem alguma relação com o fato de homens procurarem prostitutas para ter relações sexuais? Por que isto acontece?
- ✘ De que maneira isto pode estar relacionado à exploração sexual de crianças e adolescentes?

Nota: Veja questão sobre o que é ESCCA e como relações de poder contribuem para que crianças e adolescentes sejam explorados sexualmente.

Fechamento

Ao longo de suas vidas, homens e mulheres recebem mensagens da família, da mídia e da sociedade sobre como devem agir e como devem se relacionar com os outros. É importante entender que, embora haja diferenças entre homens e mulheres, muitas dessas diferenças são construídas pela sociedade e não são parte de nossa natureza ou de nossa constituição biológica. Mesmo assim, essas diferenças podem ter um impacto fundamental sobre a vida diária e os relacionamentos de mulheres e homens. Por exemplo, normalmente se espera que o homem seja forte e dominante ao se relacionar com os outros, inclusive com os(as) parceiros(as) íntimos(as). Ao mesmo tempo, espera-se, normalmente, que a mulher seja submissa à autoridade do homem. Muitos desses estereótipos rígidos têm conseqüências tanto para os homens como para as mulheres. A exploração sexual de mulheres está fortemente relacionada a esses papéis (ver questão “O que os homens têm a ver com ESCCA?”). Quando nos tornamos mais conscientes de como esses estereótipos de gênero podem influenciar negativamente nossas vidas, podemos pensar





de forma construtiva sobre como combatê-los e como promover relações de gênero mais positivas.

Técnica 2

Como os homens e as mulheres se expressam

Objetivo

Sensibilizar e refletir sobre como os padrões de gênero influenciam a forma de mulheres e homens se expressarem.

Material necessário

Um espaço amplo

Tempo recomendado

1 hora.

Dicas para planejamento

Nesta atividade, alguns participantes podem se sentir desconfortáveis ao desempenhar o papel de mulher. A testagem demonstrou que alguns têm vergonha do que possam pensar os amigos que o virem representar este papel. Para ser trabalhada adequadamente, é importante que a técnica seja realizada com seriedade e deve-se enfatizar que os papéis realizados ali são fictícios e devem ser respeitados. A resistência de homens adolescentes para realizar papéis femininos pode ser trabalhada também nas questões para discussão.

Procedimento

- 1 Aquecimento: peça aos participantes que caminhem pela sala, em silêncio, percebendo o movimento do seu corpo enquanto caminham (pés, pernas, braços, mãos, tronco, pescoço e cabeça). Durante a caminhada, diga-lhes que caminhem “forte”, “suave”, “rápido”,





“devagar”. Peça que cada um olhe nos olhos dos colegas, estabelecendo um vínculo.

- 2 Peça que formem duas linhas, uma de frente para outra.
- 3 Explique-lhes que você dirá uma palavra e que cada uma deverá fazer uma estátua que represente a palavra mencionada: uma linha deverá fazer uma estátua que represente como uma mulher expressaria a palavra, e a outra linha deverá fazer uma forma que represente como o homem a expressaria.
- 4 Peça que fechem os olhos e digam cada uma das palavras abaixo:
 - Força
 - Raiva
 - Sexualidade (sexo)
 - Gentileza
 - Amor
 - Poder
 - Coragem
 - Trabalho
 - Responsabilidade
- 5 Depois que os participantes fizerem cada estátua, eles deverão abrir os olhos e observar e comentar as semelhanças e diferenças entre a estátua feita pela pessoa a sua frente.
- 6 Use as questões abaixo para explorar melhor as semelhanças e diferenças entre as estátuas feminina e masculina e fazer o *link* com a vida dos participantes e seus relacionamentos.

Perguntas para discussão

- ❏ Que semelhanças e diferenças notaram entre as “estátuas-mulheres” e as “estátuas-homens”?
- ❏ Como foi tentar se expressar como mulher? E como homem? Qual foi a representação mais difícil? Por quê?
- ❏ Como isto está relacionado à forma como mulheres e homens são educados?
- ❏ Como as semelhanças e diferenças influenciam a vida íntima e relacionamentos entre homens e mulheres?
- ❏ De que maneira esses papéis podem favorecer a violência ou a exploração de mulheres?

Fechamento

A forma como homens e mulheres são criados influencia o modo como eles se expressam. Por exemplo, quando crianças, mulheres normalmente aprendem que podem chorar e ser gentis,





enquanto os homens aprendem que nunca devem chorar e que devem ser sempre durões. É importante que homens e mulheres aprendam a se expressar de diversas formas. Por exemplo, se as mulheres puderem mostrar força e os homens, gentileza, isso os fortalecerá como indivíduos e os ajudará a se relacionar melhor entre si e com o mundo ao redor.

Em relação ao incômodo de representar papéis femininos, tal como identificado nos relatórios de testagem desta atividade, é importante deixar claro, a partir da resposta do grupo, que a orientação sexual não depende dos comportamentos estereotipados masculinos e femininos.

Para que fique mais clara a diferença dos papéis de gênero e a orientação sexual, é importante considerar que:

Gênero é uma construção sócio-cultural através da qual certas atitudes e comportamentos são designados às pessoas, caracterizando-as como homens ou mulheres. Diz respeito aos comportamentos e papéis que são aprendidos socialmente como sendo de um ou de outro.

Orientação sexual está relacionada à capacidade de se relacionar romanticamente ou sexualmente com alguém do sexo oposto (heterossexual), alguém do mesmo sexo (homossexual) ou com pessoas de ambos os sexos (bissexual). Independentemente de sua orientação sexual, cada indivíduo é influenciado pelas expectativas sociais de gênero.





Técnica 3

Jogo de Papéis para falar de Gênero¹⁰

Objetivo

Refletir sobre atitudes pessoais e de grupo, além de comportamentos em relação à desigualdade de gênero, violência contra a mulher e relações saudáveis e eqüitativas.

Materiais necessários

Um formulário de pesquisa por participante (escolha a pesquisa correta de acordo com o grupo – grupo misto, grupo de meninas ou grupo de homens adolescentes), uma folha de registro para analisar as respostas, canetas ou lápis idênticos para garantir o anonimato de todos os participantes.

Tempo da atividade

1 hora.

Dicas para planejamento

Na testagem desta atividade, um dos grupos não possuía habilidades de leitura e escrita. O facilitador optou por utilizar as perguntas do formulário para estimular um diálogo entre os participantes do grupo, o que teve um resultado bastante positivo. Ele notou que os adolescentes têm raras oportunidades de expor suas opiniões e tirar suas dúvidas a respeito de sexo e relacionamentos. Houve um grande envolvimento e interesse do grupo na conversa proposta.

Procedimento

- 1 Informe aos participantes que eles responderão a uma pesquisa de forma anônima para saber qual é o entendimento deles sobre o tema em questão. Enfatize que a pesquisa é confidencial, e não será possível identificar as respostas individuais. Relembre aos participantes que você está contando com eles para responder com honestidade.

¹⁰ Adaptada do Manual "Homens pelo fim da violência contra a mulher: Educação para ação", 2007.





- 2 Distribua os formulários de pesquisa — sugerimos que sejam dados 10 minutos para os participantes responderem.
- 3 Quando todos terminarem o preenchimento, peça que eles amassem as folhas em forma de bolinhas de papel e joguem para o alto, fazendo uma “chuva de papéis”. As bolinhas devem ser jogadas pelo menos três vezes para o alto para que todas as folhas de pesquisa estejam bem espalhadas e isto fortaleça o anonimato.
- 4 Peça a todos que desamassem as bolinhas com bastante cuidado para não rasgá-las. Caso algum deles perceba que pegou a própria folha que respondeu, peça para jogar novamente as bolinhas para o alto (explique que o objetivo disso é garantir o anonimato de todos os participantes).
- 5 Pergunte aos participantes as respostas para cada questão. Faça uma rodada para cada questão. Por exemplo, para a primeira questão “Sobre a frase ‘Um homem não deve chorar’, você acha que a maior parte dos seus amigos...”
- 6 Para cada questão, anote no quadro ou *flip-chart* o número de respostas para "discordo" e o número de respostas para "concordo".
- 7 Promova uma discussão sobre as respostas dadas pelo grupo, com as questões abaixo:

Perguntas para discussão

- ✘ O que nós aprendemos?
- ✘ Quais escolhas, opiniões e pensamentos chamam mais a atenção? Por quê? Quais escolhas, opiniões e pensamentos são encobertos?
- ✘ Quando nós estamos em grupo e ouvimos estas opiniões, o que acontece quando nós ficamos em silêncio? O que poderia acontecer se nós nos opuséssemos a essas opiniões?

Fechamento

Algumas mensagens são transmitidas de geração a geração, sem que nos demos conta de que isso ocorre. No entanto, algumas dessas mensagens são ofensivas e prejudiciais a certos grupos sociais. Nesta dinâmica podemos observar como, em relação às mulheres, existe uma série de afirmações que se costuma atribuir à cultura ou à sociedade, mas que a opinião individual das pessoas pode divergir. A pesquisa é interessante, pois mostra como as opiniões individuais se aproximam, se distanciam ou equivalem ao que os participantes entendem como sendo a opinião do seu grupo de convívio. Nos grupos onde esta técnica foi testada, evidenciou-se o quanto a opinião dos demais, do grupo de amigos, influencia a resposta de cada um, para que sejam aceitos.





Folha de Apoio

Jogo de Papéis – Formulário de Pesquisa

Não coloque o seu nome nessa folha. Essa pesquisa é opcional e anônima. Se você escolher fazer esse exercício, use a caneta ou o lápis que lhe será dado para marcar uma resposta para cada questão. Quando você terminar, dobre o papel ao meio e aguarde as instruções.

- 1 Sobre a frase “Um homem não deve chorar”, você acha que a maior parte dos seus amigos:
 Concorda Discorda
- 2 Sobre a frase “Um homem não deve chorar”, você pessoalmente:
 Concorda Discorda
- 3 Sobre a frase “Uma garota não deve tomar a iniciativa para ficar com um garoto”, você acha que a maior parte dos seus amigos:
 Concorda Discorda
- 4 Sobre a frase “Uma garota não deve tomar a iniciativa para ficar com um garoto”, você pessoalmente:
 Concorda Discorda
- 5 Sobre a frase “Um homem deve ganhar mais dinheiro do que sua namorada ou sua esposa”, você acha que a maior parte dos seus amigos:
 Concorda Discorda
- 6 Sobre a frase “Um homem deve ganhar mais dinheiro do que sua namorada ou sua esposa”, você pessoalmente:
 Concorda Discorda
- 7 Sobre a frase “Um cara pode bater em sua namorada se ela estiver traindo-o”, você acha que a maior parte dos seus amigos:
 Concorda Discorda
- 8 Sobre a frase “Um cara pode bater em sua namorada se ela estiver traindo-o”, você pessoalmente:
 Concorda Discorda





Bloco 2

Gênero e mídia

As relações de gênero constituem desigualdades que atravessam também os meios de comunicação. A mídia não é neutra. Ela traduz o pensamento de nossa sociedade e contribui para reforçar idéias, muitas vezes, estereotipadas. As mensagens transmitidas através da mídia são produzidas por pessoas socializadas num sistema cultural que interpreta fatos biológicos e diferencia homens e mulheres. Além disso, expressam expectativas e o ponto de vista de seus criadores. Para denunciar e corrigir distorções e injustiças, faz-se necessário produzir uma reflexão crítica sobre o que nos é transmitido pelos meios de comunicação. É importante desnaturalizar e desmistificar os papéis sociais de homens e mulheres na mídia.

Uma das maiores expressões da diferença de gêneros é a valorização do corpo feminino como objeto de consumo e desejo, presentes nas propagandas veiculadas por meios de comunicação destinadas ao público masculino. A maioria das peças de publicidade associa o consumo de um produto à conquista de um determinado modelo de mulher, quando não é esta o próprio produto a ser consumido. A mídia é um dos principais veículos de pressão ao consumo, e este, um dos fatores moduladores da ESCCA, já que impõe padrões de comportamento de consumo inacessíveis à maioria da população infanto-juvenil e estimula a idéia de mulheres como mercadoria ou produto de consumo.

Para refletir sobre o tema “gênero e mídia”, propomos três técnicas que discutem desde a distinção de gênero no conteúdo das mensagens à intenção na produção dos materiais de campanha e propaganda.





Técnica 1

Entendendo a criação de uma campanha

Objetivo

Compreender como são criadas as mensagens que recebemos através da propaganda e promover uma reflexão crítica sobre seu conteúdo.

Materiais necessários

Cartazes ou filipetas de propaganda ou campanha (conforme será indicado no procedimento), fita adesiva e cópias da Ficha de Análise.

Tempo recomendado

1 hora.

Dicas para planejamento

Se houver possibilidade, os cartazes podem ser substituídos por comerciais de televisão ou quaisquer outras técnicas audiovisuais de propaganda.

Procedimento

- 1 Antes de os participantes chegarem, cole cartazes ou outros materiais de propagandas atuais nas paredes da sala. Os cartazes devem ser colados com certa distância e o número de cartazes deve corresponder ao número de grupos em que os participantes serão divididos.
- 2 Divida os participantes em três ou quatro grupos, conforme o número de propagandas.
- 3 Distribua uma ficha de análise para cada grupo.
- 4 Explique aos participantes que eles terão entre 10 e 15 minutos para analisar os cartazes com as perguntas da Ficha de Análise.
- 5 Depois que todos os grupos tiverem circulado por todas as propagandas e preenchido as fichas, peça que um representante de cada grupo leia as respostas e promova uma discussão entre todos.



6 Discuta as questões abaixo:

Perguntas para discussão

- ✘ O que vocês aprenderam através deste exercício?
- ✘ O que vocês acharam das propagandas? É comum que outras propagandas utilizem estratégias semelhantes para chamar a atenção do público-alvo?
- ✘ Como, em geral, as mulheres são tratadas nas propagandas? Por quê?
- ✘ Como, em geral, os homens são tratados nas propagandas? Por quê?
- ✘ Em geral, como as pessoas reagem às propagandas? Os conteúdos são absorvidos facilmente? Geralmente, existe uma reflexão crítica sobre o que é divulgado nos meios de comunicação (TV, rádio, cartaz etc.)?
- ✘ Quais são as conseqüências de mulheres serem tratadas como objetos de consumo? O que isto tem a ver com ESCCA?

Fechamento

A divulgação de um produto está sempre vinculada a uma idéia que foi criada por um grupo de profissionais para convencer um público a comprá-lo. As mensagens criadas pela mídia têm sempre o objetivo de convencer um determinado público alvo e utilizam várias estratégias para que as pessoas “comprem” a idéia, sem refletir muito sobre seu conteúdo. As diferenças de gênero presentes nas campanhas e propagandas ajudam a reforçar os esterótipos masculino e feminino. É importante que o grupo discuta que o que nos é passado pelos meios de comunicação não são verdades absolutas e devemos sempre ter uma reflexão crítica sobre tudo que recebemos, inclusive os papéis de homens e mulheres. Como resultado desta técnica, deve-se esperar que o grupo comece a se dar conta de como as mulheres são utilizadas como estratégia de venda de diversos produtos, e muitas vezes, são elas mesmas oferecidas como produto de consumo. A partir dos pontos de vista apresentados em grupo, deve-se promover uma reflexão sobre como nos deixamos influenciar pelos meios de comunicação, inclusive quando são representados por personagens alheios a nossa realidade, mas que são vendidos como ideais de masculino e feminino.





Folha de Apoio

Ficha de Análise

1 Qual é a mensagem?

2 Quem é o público para o qual a campanha se dirige?

3 Quais são as estratégias para chamar a atenção deste público?

4 De que maneira esta mensagem é capaz de influenciar este público?





Técnica 2

Este é meu Corpo¹¹

Objetivo

Promover discussão sobre como a forma pela qual percebemos nosso corpo e o corpo do outro é influenciada pela imagem que é transmitida pela mídia.

Materiais necessários

Papel, lápis ou canetas para colorir, revistas e jornais que tratem de beleza e corpo. Se houver a estrutura necessária, pode-se também trabalhar com comerciais de TV.

Tempo recomendado

1 hora.

Dicas para planejamento

Para ajudar na discussão final, o facilitador pode juntar figuras de corpos diversos, com diferentes cores, tamanhos, pesos etc. Isto auxilia a percepção da diversidade humana e nos faz sentir melhor em nosso corpo.

Procedimento

- 1 Com todos em círculo e de pé, peça para os participantes se olharem e pensarem o que gostariam de mudar em seu corpo (ou o que falta em seu corpo para ficarem com um corpo de homem ideal).
- 2 Pergunte como se sentem.
- 3 Em seguida, peça que desenhem, em grupo ou individualmente, o corpo ideal de uma mulher e de um homem.
- 4 Traga revistas e jornais que tratem de beleza e corpo e estimule os participantes a discutirem sobre as imagens da mulher na mídia, pensando em como uma mulher é retratada na mídia e como a mídia determina a percepção que temos sobre nossos corpos e beleza.

11 Adaptado de "Our Bodies, Ourselves". The Boston Women's Health Book Collective, 2005.





- 5 Peça que comparem o desenho com as fotografias e notas de jornais e revistas.
- 6 Peça que comparem as imagens de homens e mulheres nos jornais.
- 7 Utilize as questões abaixo para facilitar a discussão.

Perguntas para discussão

- ✘ Como foi comparar seu corpo com o corpo das imagens nas revistas?
- ✘ Existe um corpo ideal ou perfeito? Por quê?
- ✘ De que maneira a mídia influencia na relação que as pessoas mantêm com seu próprio corpo?
- ✘ As mulheres e os homens são tratados de maneira diferente pelos meios de comunicação? Como? O que é mais valorizado na mulher? E no homem?
- ✘ A forma como a mídia retrata a mulher influencia a maneira como nos relacionamos com elas? Como?
- ✘ A forma como o corpo feminino é tratado pelos meios de comunicação possui alguma relação com ESCCA?

Fechamento

A valorização do corpo feminino pela mídia vai ao encontro da exploração sexual das mulheres. Sugerimos que o facilitador estimule uma reflexão sobre como os padrões de beleza ou a forma como a mulher é tratada está relacionada com este fato, tal como tratado na introdução desta seção.





Técnica 3

Criando uma campanha

Objetivos

Incentivar a reflexão sobre o quanto as mensagens que são divulgadas pela mídia são criações de um grupo de pessoas, a partir de um olhar específico.

Tempo recomendado

1 hora.

Materiais necessários

Cartolinas ou papel pardo para cartaz; lápis e canetas coloridas; tesoura; cola; revistas antigas, e uma grande televisão ou filmadora feita com caixa de papelão.

Procedimento

- 1 Divida os participantes em grupos e explique que cada grupo será uma agência de publicidade que estará disputando uma concorrência para fazer uma grande campanha. Informe que os responsáveis pela entidade promotora da campanha realizarão, ao final, uma votação entre as propostas concorrentes a partir de cartazes elaborados pelas agências ou de uma representação gravada.
- 2 Distribua cartolinas, tesouras, colas e as revistas.
- 3 Avise que o tema da campanha são as mulheres. Uma empresa quer vender um produto para as mulheres e, para isto, fazer uma homenagem que fale sobre elas. Diga que têm 30 minutos para se prepararem e apresentar um cartaz com uma frase e um desenho para esta campanha. Além da colagem, o grupo também pode pensar a campanha através de representação.
- 4 Ao final do tempo estabelecido, cada grupo apresentará a sua proposta para o "empresário", representado pelo facilitador.



- 
- 
- 
- 5 Quando terminarem, poderá ser realizada uma votação, em que todos poderão votar no cartaz que acharem melhor.

Perguntas para discussão

- ✘ Que imagem de mulher estava presente nas mensagens apresentadas pelos grupos?
- ✘ Como foi criar a mensagem? Fácil ou difícil? Por quê?
- ✘ Qual foi a referência que vocês tiveram para escrever a mensagem? O que ajudou vocês a escrevê-la?
- ✘ Que tipos de mensagens mais comuns existem para mulheres?
- ✘ Como os meios de comunicação costumam tratar a mulher?
- ✘ Como seria se a mensagem fosse voltada para homens? Seria mais fácil ou difícil? Por quê?
- ✘ Vocês acham que influencia ou reforça a percepção que temos de homens e mulheres? De que maneira? Quais são as conseqüências disso para nossas vidas?
- ✘ A imagem de mulher como objeto presente nos meios de comunicação pode influenciar a ESCCA? Como?
- ✘ É possível criar mensagens com visões alternativas de homens e mulheres? Isto funcionaria? Por que sim ou por que não?

Fechamento

É importante que a partir das questões para discussão, o grupo perceba o quanto as mensagens transmitidas pelas propagandas não são imparciais, mas sim intencionais. As mensagens direcionadas para homens e mulheres partem de uma imagem diferenciada de gêneros e contribuem para reforçar muitos estereótipos. É importante discutir como ter uma visão crítica do que recebemos através da mídia.



Bloco 3 Violência

Uma das maiores expressões da diferença de poder é a violência. Muitas vezes, é interpretada como “uso da força física ou ameaça do uso da força com intenção de prejudicar fisicamente uma pessoa ou um grupo”. Mas deve-se considerar que a violência também se apresenta como uso de poder de um grupo sobre outro, incluindo a má distribuição de renda, domínio do homem sobre a mulher, dificuldade de acesso a bens e necessidades básicas, entre outras formas de exploração. São muitas as formas de violência, algumas vezes tão naturalizadas que não nos damos conta do que representam de fato.

Em nossa sociedade, a violência cometida por homens é pouco questionada, especialmente aquela em que não há agressão física. No caso da violência sexual, esta é, muitas vezes, justificada pela “força sexual natural incontrolável dos homens”, cabendo à mulher o domínio dos seus desejos. A ESCCA é uma forma de violência bastante grave, no entanto muitas vezes despercebida por quem a comete. Não é justo um adulto se envolver com crianças ou adolescentes porque esse envolvimento geralmente está amparado na desproporção da força física ou do poder. Muitas vezes, crianças e adolescentes estão sendo obrigados a fazer algo para o qual não estão preparados ou não conseguem compreender. Mesmo que aceitem algo em troca de relação sexual, não é sua escolha. Agir dessa forma significa lhes negar seu direito básico à proteção.

Esta seção possui três técnicas que buscam refletir sobre as diversas formas de violência e o papel social das pessoas para a prevenção de ESCCA.





Técnica 1

Diversidade de direitos: eu e os outros¹²

Objetivo

Encorajar a empatia com pessoas de diversas realidades e discutir a origem da violência associada a grupos estigmatizados em nossa sociedade.

Materiais necessários

Folhas de papel A4, marcadores e fita adesiva.

Tempo recomendado

1 hora.

Dicas para planejamento

Essa técnica geralmente leva os jovens a rir e a ter que desempenhar ou atuar no papel de pessoas de diversas realidades. É importante procurar manter um espírito leve na técnica, sem censurar os jovens, e fomentando o respeito para com as diferenças. Se o facilitador preferir, pode deixar um tempo no início para que os participantes se olhem e percebam o papel do outro. As possíveis brincadeiras e risadas podem ser utilizadas no momento de reflexão final, quando os estereótipos e preconceitos forem discutidos.

Muitos temas podem ser tratados com esta técnica, basta mudar as frases ou papéis que devem ser interpretados.

Procedimento

- 1 Antes que o grupo comece suas atividades, selecione frases que você ache que são mais apropriadas de acordo com a relação abaixo. Escreva estas frases em uma folha de papel. Selecione um número suficiente de frases para cada participante. Se quiser, crie outras frases, outros exemplos ou repita alguns, se achar necessário, para que sejam melhor compreendidos pelo grupo ou se adequem melhor ao contexto local.

12 Adaptada de "Série Trabalhando com Homens Jovens". Aliança H. Rio de Janeiro, 2006



- 2 Peça aos participantes para sentarem em círculo e fechar os olhos. Explique que será colocada uma folha de papel em suas mãos com uma palavra ou uma frase escrita. Depois de receber o papel, os participantes deverão ler a frase sem comentar nada e refletir pessoalmente sobre o que eles fariam se estivessem naquela situação.
- 3 Peça a cada um que pegue um pedaço de fita e cole na parte da frente de sua camisa.
- 4 Peça que todos se levantem e andem devagar pela sala com o papel colado, lendo as frases dos outros participantes, cumprimentando os outros, mas sem falar.
- 5 Depois diga para os participantes ficarem em círculo e olharem uns para os outros. Explique que cada um deve ser um personagem e inventar uma história que tenha a ver com a frase que recebeu – uma história que fale sobre sua condição ou realidade. Dê algum tempo para que possam refletir sobre sua história.
- 6 Pergunte se há algum voluntário para começar. Então, cada um, aleatoriamente ou na ordem do círculo conta sua história.
- 7 Após a apresentação de cada história, encoraje o grupo a fazer perguntas para o personagem. As perguntas feitas pelo grupo são muito importantes e podem revelar preconceitos e estereótipos que devem ser criticados no momento de reflexão sobre esta técnica.
- 8 Discuta as questões a seguir.

Perguntas para discussão

- ❏ Você conhece algum jovem que enfrentou situação semelhante à descrita no papel?
- ❏ Como foi, para você, viver esse personagem? Como se sentiu?
- ❏ Como costumamos nos relacionar com pessoas consideradas diferentes da maioria? Existe alguma relação de poder neste tratamento?
- ❏ Em muitos lugares, um jovem que é “diferente” pode sofrer discriminação e violência? Por quê?
- ❏ Muitos desses grupos que sofrem preconceitos costumam ser explorados? De que maneira?
- ❏ O que a ESCCA tem a ver com a forma como tratamos pessoas consideradas diferentes?





Sugestões de papéis

Minha mãe é trabalhadora do sexo
Sou milionário
Tenho 16 anos e sou profissional do sexo
Tenho 15 anos e minha namorada tem 24 anos
Meu pai está na cadeia
Minha namorada me traiu
Sou homossexual
Não sei ler
Sou muito pobre
Bati na minha namorada
Sou menino de rua
Minha namorada me bateu
Sou pai e cuido dos meus filhos
Sou alcoólatra
Eu costumo pagar prostitutas para fazer sexo comigo
Sou corrupto

Fechamento

Pode-se fechar essa técnica perguntando aos adolescentes sobre outros exemplos de pessoas diferentes ou até de minorias que não foram incluídas. Às vezes surgem exemplos de pessoas percebidas como diferentes ou minorias sobre as quais não havíamos pensado. Sugere-se que, ao fechar a atividade, o facilitador faça um *link* com a exploração sexual infantil.





Técnica 2

Da violência para o respeito nos relacionamentos¹³

Objetivo

Discutir como usamos a violência em nossas relações e pensar modelos de relacionamentos baseados no respeito.

Materiais necessários

Flip-chart, marcadores, fita.

Tempo recomendado

Uma hora.

Dicas para planejamento

Essa técnica usa dramatização com personagens femininos. Se o grupo é formado apenas por homens adolescentes, alguns deles podem se mostrar relutantes em interpretar uma personagem feminina. Encoraje o grupo a ser flexível. Se nenhum dos adolescentes quiser interpretar a personagem feminina, você pode pedir que eles descrevam as cenas usando o "*flip chart*", por exemplo, ou que relacionem, de um lado, algumas situações que caracterizam "como é uma relação de respeito", e do outro lado, "como é uma relação que não está baseada no respeito". É importante destacar que, para que haja respeito, não significa que não haja conflito. O que caracteriza uma relação de respeito ou não é a forma como os conflitos são resolvidos.

Através dessa técnica, o facilitador deve procurar falar sobre o silêncio e a impotência que sentimos ao testemunharmos violência doméstica. Uma limitação desta técnica pode ser o pouco contato ou conhecimento que os adolescentes de 10 a 14 anos têm de relações íntimas - seja de namoro, seja de casais adultos. No entanto, esta técnica é fundamental para que adolescentes que estão em fase de começar a experimentar estas relações, o façam, no futuro, com base em respeito mútuo e diálogo. Nas interpretações de relação com base na violência ou desrespeito, pode-se estimular a criação de personagens que explorem sexualmente menores de idade.

13 Adaptada de "Série Trabalhando com Homens Jovens". Aliança H. Rio de Janeiro, 2006.



Procedimento

- 1 Explicar ao grupo que o propósito é discutir e analisar os vários tipos de violência que por vezes usamos nas nossas relações íntimas ou amorosas, e discutir formas de mostrar e viver estas relações com respeito.
- 2 Dividir os participantes em 4 grupos (ou menos, dependendo do número total de participantes por grupo), com no mínimo dois participantes em cada, pedindo que eles criem uma pequena história.
- 3 Pedir a dois grupos que apresentem uma relação de intimidade – namorado e namorada, marido e mulher, namorado e namorado ou uma relação casual – que mostrem cenas de violência. Explicar que a violência pode ser física, mas não necessariamente. Pedir para eles tentarem ser realistas, usando exemplos de pessoas e incidentes que tenham presenciado, ou que tenham conhecimento em suas comunidades, ou casos dos quais já ouviram notícias.
- 4 Pedir aos outros dois grupos para apresentar também um relacionamento baseado no respeito em relação ao outro. Pode haver conflitos ou diferenças de opinião, mas que mostrem respeito na relação e que não contenham cenas de violência. Deixar um tempo de 15 a 20 minutos para discutir a história ou as cenas e pedir que apresentem ao grupo.
- 5 Cada grupo deve ter em torno de 5 a 10 minutos para apresentar suas histórias, permitindo que os outros grupos possam fazer perguntas.
- 6 Quando todos os grupos tiverem feito suas apresentações, use o “*flip-chart*” para listar quais são as características de uma relação violenta. Encoraje os participantes a refletirem sobre as diversas formas de violência nas relações íntimas (controle, coerção, gritos...) bem como sobre a violência física. Usar as histórias como exemplo, perguntando: quais as características individuais ou da própria relação nos casos que foram apresentados, que demonstraram a violência?
- 7 Colocando a lista na parede, começar a enumerar o seguinte: quais características que fazem com que uma relação seja saudável? Pedir ao grupo para pensar no que é necessário para uma relação baseada no respeito.
- 8 Discutir as questões abaixo:

Perguntas para discussão

- ☐ Os exemplos que foram usados nas histórias são realistas? Vemos essas coisas no nosso dia-a-dia?
- ☐ Para você, quais as causas da violência doméstica ou da violência na relação? Somente o homem usa violência física contra a mulher? Quando você vê esse tipo de violência, o que você normalmente faz? O que poderia fazer?



- ✘ É possível construir uma relação baseada no respeito? A gente vê isso no nosso cotidiano?
- ✘ Que podemos fazer individualmente para construir relações de intimidade saudáveis?
- ✘ De que maneira o respeito nos relacionamentos pode contribuir para a prevenção da ESCCA?

Fechamento

Essa técnica tenta encorajar os jovens a discutir a realidade da violência nos relacionamentos íntimos, usando exemplos de seu próprio contexto ou notícias que já ouviram falar. Por se tratar de um trabalho feito com adolescentes entre 10 e 14 anos, em geral, muitos estão construindo modelos de relacionamentos. Pensar os prejuízos causados por um relacionamento que tenha a violência como base e o prazer de ter um relacionamento íntimo baseado no respeito e no diálogo são coisas importantes para a construção de relações saudáveis. Embora esta técnica tenha sido criada, originalmente, para discutir a violência doméstica, o facilitador pode dirigir o trabalho para uma reflexão sobre ESCCA, em que crianças e adolescentes são desrespeitados em seus direitos à educação e em seus desejos. A reflexão sobre o engajamento masculino no fim da violência contra as mulheres pode ser complementada com uma apresentação da Campanha do Laço Branco (*White Ribbon Campaign*). Esta campanha foi iniciada no Canadá e adotada em vários países da América Latina, e oferece uma série de materiais para trabalhar o tema em escolas ou nas comunidades, com o intuito de parar a violência contra as mulheres. Para mais informações consulte o *site* www.lacobranco.org.br.





Técnica 3

Violência Sexual: é ou não é?¹⁴

Objetivo

Discutir o que é violência sexual, quais as condições que a fomentam e como podemos reduzi-la ou preveni-la.

Materiais necessários

Folhas de *flip-chart*, marcadores e fita.

Tempo recomendado

1 hora.

Dicas para planejamento

Pode-se encontrar alguma resistência para se falar sobre o tema da violência sexual. Da mesma forma que falar sobre outras formas de violência pode causar constrangimentos, em razão das possíveis conexões com histórias pessoais dos participantes, no caso da violência sexual podem estar presentes no grupo jovens que sofreram algum tipo de violência sexual na infância ou adolescência e que podem precisar de ajuda. Em alguns momentos, encontramos homens jovens que sofreram violência sexual de uma mulher, mas nunca haviam falado com alguém sobre o assunto por vergonha — tinham a crença de que ninguém ia acreditar que um homem pode ser vítima de uma mulher. Outros sabiam de amigas que tinham sido vítimas de violência sexual. O facilitador deve estar preparado para casos sensíveis, até de participantes que podem precisar de uma ajuda especial, mesmo que isto nem sempre ocorra. É importante que antes de realizar esta oficina seja feita uma pesquisa sobre locais próximos que acolham ou ofereçam algum apoio a vítimas de violência sexual, para onde o facilitador possa encaminhar o adolescente. Os casos sugeridos na folha de apoio podem ser trocados por outros que o facilitador considerar mais pertinentes ou adequados à realidade do grupo.

Procedimento

- 1 Antes de iniciar a técnica, escolha os casos listados na folha de apoio que estejam mais adequados ao contexto. Se você preferir, pode criar novos casos.
- 2 Antes da atividade, fazer três cartazes, com as seguintes frases, uma em cada folha:
É violência sexual

14 Adaptado de "Série Trabalhando com Homens Jovens". Aliança H. Rio de Janeiro, 2006.



Não é violência sexual

Estou em dúvida

- 3 Explicar aos participantes que você vai ler uma série de casos para que eles avaliem se representam violência sexual ou não.
- 4 Colar os três cartazes na parede com uma boa distância entre eles. Explicar que você lerá caso por caso, e que os participantes devem decidir em que cartaz a situação que foi relatada se encaixa, segundo a opinião deles: “É violência sexual”, “Não é violência sexual” ou “Estou em dúvida”. Os participantes deverão se levantar e colocar-se em frente ao cartaz que representa sua opinião.
- 5 Peça para um ou mais participantes que estão na frente de cada cartaz defender seu ponto de vista.
- 6 Depois que todos os casos forem apresentados e as opiniões discutidas, facilite uma discussão com as questões a seguir.

Perguntas para Discussão

- ✘ Essas situações são realistas?
- ✘ O que é violência sexual?
- ✘ Toda violência sexual é crime?
- ✘ Que podemos fazer para prevenir a violência sexual?
- ✘ Quem é mais vítima de violência sexual, homem ou mulher? Por quê?
- ✘ Homem também pode ser vítima de violência sexual?
- ✘ Quais seriam as conseqüências de ter sofrido violência sexual?
- ✘ Ter relações sexuais com crianças e adolescentes constitui uma violência sexual?
- ✘ O que isto tem a ver com ESCCA?

Fechamento

É importante que, após esta técnica, fique claro que ESCCA constitui uma violência sexual (ver questão 1: “O que é exploração sexual comercial de crianças e adolescentes?” para ajudar nesta reflexão). Depois de comentar as perguntas da discussão, dependendo do grau do conhecimento, pode ser interessante conversar com o grupo sobre o que significa violência de gênero e suas várias formas, conforme apresentado na Folha de Apoio a seguir. Se for interessante para o grupo, também pode-se convidar alguém de sua comunidade que é especialista no tema de violência de gênero, violência sexual ou ESCCA para falar com o grupo. Pode ser interessante consultar algumas fontes de informação adicionais que falam sobre as conseqüências da violência sexual. Sabemos que muitos homens adultos que são violentos sexualmente também foram vítimas de algum tipo de violência na sua infância ou adolescência. É importante mostrar a importância de identificar casos de violência sexual e outras violências contra crianças e adolescentes para poder interromper o ciclo de violência sexual.

Folha de Apoio 1

Casos para discussão

- 1** Felipe começou um trabalho como assistente administrativo numa firma bem conhecida, faz poucos meses, e está gostando do trabalho e da firma. Uma noite, o chefe dele, Roberto, diz que gosta muito de Felipe, que o acha pintoso e queria ter sexo com ele. Ele disse que se ele concordar em ter sexo com ele, ele o ajudará a crescer na firma. É violência sexual?
- 2** Marcelo tem 15 anos e nunca tinha transado. Um grupo de amigos sempre riu dele dizendo que era virgem e que por isso não era homem. Uma noite, eles o levaram para um prostíbulo e pagaram a uma trabalhadora de sexo para transar com ele. Ele não queria transar, mas acabou transando com ela, porque se sentiu pressionado pelos amigos. É violência sexual?
- 3** Quando Leonardo tinha 12 anos, uma amiga de sua mãe, Alice, às vezes ficava com ele quando seus pais saíam à noite. Alice tem a mesma idade de sua mãe. Uma noite, quando Leonardo foi tomar banho, Alice entrou no chuveiro com ele. Leonardo não sabia o que fazer. Ele ficou parado diante dela. Ela disse para ele: “Por que você está aí parado? Seja um homem de verdade e transe comigo”. Leonardo fez sexo com ela. Depois ele se sentiu estranho, mas não sabia se podia falar com alguém sobre isso. É violência sexual?
- 4** Pablo e Maria Helena estão casados há dois anos. Às vezes, Pablo chega em casa tarde, e Maria Helena já está dormindo. Ele a acorda para ter sexo com ela. Às vezes, ela não concorda, mesmo assim Pablo força a barra e transam. É violência sexual?
- 5** Todo mundo diz que Linda tem cara de safada. Ela vive dizendo que transa com muita gente, e que gosta de sexo. Ela vai à festa do Pedro, e bebe muito, desmaiando. Pedro faz sexo com ela, ainda desmaiada, e convida seus amigos para transarem com ela também. É violência sexual?
- 6** Luisa diz que ela quer transar com Fred. Ela tira suas roupas, e está na cama com ele quando decide que não quer mais transar. Ele a força. É violência sexual?
- 7** Marina tem 13 anos e é muito pobre. Às vezes, falta comida em sua casa. Para “ajudar” a família, João, que tem 45 anos propôs dar uma boa quantia de dinheiro, se Marina tivesse relações sexuais com ele. É violência sexual?
- 8** Amélia é uma jovem de 16 anos que trabalha em uma boate, fazendo programas (tendo relações sexuais) com estrangeiros. Ela não sabe ler, mas com seu trabalho tem conseguido comprar todas as coisas de que precisa, inclusive ajudar a seus irmãos. É violência sexual?



Folha de Apoio 2

Definindo Violência Sexual

Violência Sexual: “ação caracterizada por atividades sexuais inapropriadas para a idade e o desenvolvimento psicosssexual de uma pessoa. Crianças e adolescentes sofrem essa violência por sedução, ameaça, chantagem ou força. Ela transgride os tabus sociais, deixando seqüelas para o resto da vida” (ANDI, 2007).

Abuso sexual: “ato ou jogo sexual a que o adulto submete a criança ou adolescente, com ou sem consentimento do vitimado, para estimular-se ou satisfazer-se, impondo-se pela força física, pela ameaça ou pela sedução com palavras ou com a oferta de presentes” (ANDI, 2007).

Assédio sexual: caracteriza-se pelo ato de constranger alguém com o intuito de obter favorecimento sexual, sendo o agente superior hierarquicamente. Manifesta-se por meio de propostas indecorosas, falas obscenas e pressão para ter relações sexuais sem que o outro deseje, mas se sinta constrangido de reagir ou se defender, por encontrar-se em uma posição ou cargo inferior ao do agente.

Estupro: uso da força física ou ameaça com intuito de obter relações sexuais com penetração (oral, vaginal ou anal).

Exploração sexual: uso de crianças e jovens para a satisfação sexual de pessoas adultas, envolvendo atividades como prostituição e pornografia infantil, shows eróticos, entre outras atividades, com fins comerciais.

Incesto: “atividade de caráter sexual envolvendo crianças ou adolescentes e um adulto que tenha com eles uma relação de consangüinidade ou de mera responsabilidade” (ANDI, 2007).

Violência emocional: é aquela que se manifesta por meio de insultos, humilhações, ameaças, falta de atenção afetiva etc. Pode ter conseqüências para homens e mulheres, como baixa autoestima, desconfiança e insegurança emocional.

Violência física: é aquela que se expressa por meio de golpes, chutes, empurrões e outros atos que podem provocar lesões, pondo em perigo a saúde do homem e da mulher.





Bloco 4 Sexualidade

Muitas pessoas acham que sexo não é assunto para ser falado, principalmente antes dos 14 anos. No entanto, é preciso desde cedo oferecer oportunidades para que os jovens discutam e reflitam criticamente sobre todas as questões que tangem sua sexualidade.

Para início de conversa, é importante ressaltar que a sexualidade não se restringe ao sexo. Enquanto o sexo se resume ao ato, a sexualidade está conosco desde o momento em que nascemos. Durante cada fase da vida, vivemos nossa sexualidade de maneira diferente, e isto varia de ser humano para ser humano. Cada um de nós tem ritmos, sensibilidade e preferências que nos são próprios e constituem nossa forma de sentir prazer.

Não é necessário que tenhamos um relacionamento com outra pessoa para que possamos viver nossa sexualidade. O prazer pode ser experimentado de várias formas: fisicamente, emocionalmente, espiritualmente e intelectualmente. A sexualidade fornece energia para todas as atividades humanas, incluindo sexo, amizade, artes, entre outras atividades criativas.

O conhecimento do corpo e de suas sensações é fundamental para vivermos nossa sexualidade de forma plena. Isto possibilita a percepção dos desejos e necessidades, estimulando a busca por satisfazê-los. A forma como interpretamos nossa sexualidade influencia diretamente o que percebemos como sendo nosso direito de sentir prazer. Neste sentido, a reflexão sobre a forma como vivemos nossa sexualidade é fundamental para uma relação mais saudável entre homens e mulheres.

Na nossa cultura, a sexualidade masculina é frequentemente representada como impulsiva e incontrolável. A virilidade masculina e ter relações heterossexuais representam, muitas vezes, ritos de passagem para o mundo adulto. A sociedade exerce um papel fundamental na formação destes valores. Muitas transformações sobre o modo como a sexualidade é encarada ocorreram ao longo do tempo. No entanto, é importante manter uma reflexão crítica sobre as diferenças entre as representações sobre a sexualidade masculina e a feminina. É preciso questionar a representação de que a sexualidade feminina existe para servir aos desejos masculinos. Nesta seção, propomos três atividades que buscam promover uma reflexão sobre como as representações sociais da sexualidade em nossa sociedade transformam mulheres em objeto, o que possui relação estreita com ESCCA.



Técnica 1

A visita do ET

Objetivo

Refletir sobre a dificuldade que temos em falar sobre a sexualidade, além de levantar questionamentos, desvinculados de um contexto sociocultural específico.

Tempo

40 minutos

Materiais necessários

5 folhas de *flip-chart* ou cartolina, pilot, fita crepe e um adereço para cabeça.

Procedimento

- 1 Peça que todos caminhem pela sala.
- 2 Avise que chegaram ETs na terra e que gostariam muito de saber sobre a sexualidade dos humanos.
- 3 Comente que apareceram 4 jornalistas (ou menos, dependendo do número de participantes) e coloque crachás com a inscrição "imprensa" em 4 participantes.
- 4 Peça que se forme 4 grupos de ETs com 1 jornalista em cada grupo.
- 5 Os jornalistas devem registrar as perguntas que os ETs fizerem sobre a sexualidade dos terráqueos.
- 6 Dê para cada grupo uma cartolina ou folha de *flip-chart* e um pincel atômico para que o jornalista anote as partes mais interessantes das perguntas dos ETs e tente respondê-las.
- 7 Antes de finalizar, pergunte se as expectativas dos ETs foram atendidas e peça aos jornalistas para afixarem a matéria da reportagem (as cartolinas) na parede.
- 8 Leia as perguntas e estimule que o grupo responda. Diga também que é um "consultor enviado da prefeitura" para ajudar os jornalistas a responderem as questões dos ETs e complemente as respostas com informações que sentir necessário.
- 9 Estimule uma discussão com as questões abaixo.



Perguntas para discussão

- ✎ Como é falar sobre sexualidade? É fácil? Por que sim ou por que não? Quais são as principais dificuldades e facilidades?
- ✎ Existe diferença entre as pessoas, ou seja, falar sobre sexualidade é fácil para algumas pessoas, mas não para outras?
- ✎ Com quem os adolescentes se sentem mais à vontade para falar sobre sexualidade?
- ✎ Como, em geral, os homens adolescentes aprendem sobre sexo e relacionamentos?
- ✎ A maneira como aprendemos sobre sexualidade pode ter alguma influência em homens acharem que é natural ter sexo com crianças e adolescentes, se houver pagamento? Que influência?

Fechamento

Falar sobre sexualidade é diferente para adolescentes homens e mulheres. O facilitador deve explorar a diferença de gênero que existe em falar sobre o tema, quais são os preconceitos, estereótipos e credíveis que influenciam isto. Esta técnica também ajuda a compreensão de quais são as principais dúvidas de homens adolescentes a respeito da sexualidade. A testagem nos mostrou que muitos homens adolescentes aprendem sobre sexo em filmes e revistas pornográficas. Se isto aparecer no grupo, é importante questionar a maneira como homens se comportam e como mulheres são tratadas. Este é um ótimo pretexto para o questionamento dos papéis tradicionais de gênero nos relacionamentos sexuais que aparecem nos filmes ou revistas pornográficas. A pornografia é uma das formas mais comuns de ESCCA. Deve-se buscar refletir sobre a objetificação das pessoas nos materiais pornográficos e esclarecer que se este material contiver fotos de crianças ou adolescentes, trata-se de um crime.



Técnica 2

Diferentes posições sobre sexualidade

Objetivo

Refletir sobre diferentes opiniões a respeito da sexualidade, que variam segundo gênero, religião, cultura, geração e camada social, entre outros fatores.

Tempo

1 hora.

Materiais necessários

Sala com cadeiras em círculo, uma para cada participante.

Dicas para planejamento

Para dar mais dinâmica à atividade, pode-se incluir situações neutras ou divertidas, como “troque de cadeira quem estiver com camisa branca” ou frases para pedir a opinião dos participantes sobre assuntos relacionados ao seu cotidiano.

Procedimento

- 1 Peça aos participantes para se sentarem nas cadeiras em círculo. Apenas uma deve estar vazia.
- 2 Quando o facilitador ler as declarações, os que estiverem de acordo devem mudar de cadeira.
- 3 Pergunte para quem se moveu e quem não se moveu porque fez isso.
- 4 Use as questões abaixo para facilitar a discussão, depois de ter debatido todas as razões que levaram os participantes a permanecer ou trocar de posição.

Perguntas para discussão

- ✘ Como foi se posicionar a respeito da sexualidade? Fácil ou difícil?





- ❏ Como o grupo viu a pessoa que ficou em minoria?
- ❏ Por que as pessoas têm opiniões diferentes a respeito da sexualidade? A posição é a mesma entre pessoas de grupos, idades, sexo ou funções diferentes?
- ❏ Como são formados os valores ou opiniões a respeito da sexualidade?

Fechamento

Apesar de o grupo ser da mesma faixa etária e mesma comunidade, existem opiniões diferentes em relação à mesma declaração. Além de fatores sócio-culturais, as posições a respeito do mesmo tema variam de acordo com fatores individuais, a educação familiar, história pessoal etc. Muitas vezes tomamos decisões de maneira muito rápida, sem refletir o suficiente, o que contribui para pré-conceitos ou estereótipos. É importante refletirmos sobre nossas opiniões, se estamos agindo ou não com discriminação. Se as opiniões ou valores são construídos pela sociedade, pela cultura e pela educação, significa que podemos mudá-las.



Folha de Apoio

Estas são apenas sugestões de posições a respeito de questões relacionadas à sexualidade. O facilitador poderá citar outras opiniões e mudar a linguagem das que estão abaixo, para melhor se adaptar à linguagem do grupo.

Opiniões para posições

- ✘ Só os homens podem ter relações sexuais antes do casamento.
- ✘ As mulheres são sempre fiéis.
- ✘ A responsabilidade de evitar gravidez é principalmente da mulher.
- ✘ Homens adolescentes devem saber mais sobre sexo do que meninas.
- ✘ Não tem problema um homem de 24 anos namorar uma menina de 13 anos.
- ✘ A masturbação é necessidade do corpo, principalmente de adolescentes.
- ✘ Mulheres não se masturbam.
- ✘ Mulheres que demonstram interesse no sexo merecem uma má reputação.
- ✘ Ter um nome/reputação ruim é pior para as mulheres do que para os homens.
- ✘ Algumas vezes as meninas/mulheres são culpadas se elas são estupradas.
- ✘ O homem deve sempre ter o controle no relacionamento.
- ✘ Todas as pessoas têm o mesmo valor.
- ✘ Se uma adolescente de 10 /14 anos quer se prostituir o problema é dela.
- ✘ A pessoa que paga uma menina de 12/14 anos para fazer sexo está dando uma ajuda para ela sobreviver.
- ✘ Muitas mulheres adolescentes se prostituem porque gostam de fazer sexo.
- ✘ Muitas mulheres adolescentes se prostituem porque ganham muito dinheiro.

Técnica 3

Virgem até o casamento?

Objetivo

Refletir sobre como a cultura ou a religião influenciam nossa opinião sobre permanecer virgem ou não.

Tempo recomendado

1 hora.

Materiais necessários

Folha de *flip-chart* e marcadores ou giz ou barbante, para fazer a linha entre os participantes.

Procedimento

- 1 Organize a sala de modo que os participantes possam vê-lo e também uns aos outros.
- 2 Levante a seguinte questão: "O quanto é importante permanecer virgem até o casamento?"
- 3 Desenhe uma linha imaginária em frente ao grupo. Explique que o extremo esquerdo significa que "É importante para mim, permanecer virgem até o casamento", e o outro lado da linha significa "não é importante para mim permanecer virgem até o casamento".
- 4 Pergunte ao grupo o que pensa sobre a questão e escolha o lugar na linha imaginária que represente sua resposta.
- 5 Pergunte quais foram as razões que fizeram com que escolhessem aquela posição na linha.
- 6 Peça que se posicionem no lugar em que, provavelmente, seus pais ou avós escolheriam.
- 7 Peça que se posicionem no lugar em que, provavelmente, as meninas escolheriam.
- 8 Peça que o grupo observe o local em que estão posicionados e que reflitam sobre isto.
- 9 Depois que todos explicarem sua posição, diga-lhes que se sentem e faça as perguntas listadas abaixo.

Questões para discussão

- ☞ Como foi participar desta técnica? Foi fácil ou difícil escolher a posição de vocês na linha?



- ☒ A posição dos outros influenciou a escolha de vocês?
- ☒ Quem ou o que contribuiu para que se posicionassem daquela forma na linha? O que vocês acham que influencia a opinião de vocês? Aprenderam com os pais? Com Amigos?
- ☒ Em geral a opinião dos pais ou avós é a mesma? Por que sim ou por que não? E dos filhos, vocês acham que vai ser diferente? Por quê? A posição varia de acordo com a época?
- ☒ Vocês acham que a opinião de pessoas de religiões diferentes muda?
- ☒ E pessoas de outros países ou culturas? Por quê?
- ☒ Vocês pensam o mesmo sobre a virgindade da filha e do filho de vocês?
- ☒ Alguém do grupo escolheria um local não usual sobre a linha?
- ☒ As expectativas para permanecer virgem até o casamento são diferentes para homens e mulheres? Como? Por quê?
- ☒ Essa diferença tem alguma consequência para a vida de homens e mulheres? Quais?
- ☒ Como são vistos os homens que demoram mais a ter relações sexuais? Por quê?
- ☒ O que a expectativa para que homens tenham sexo mais cedo têm a ver com ESCCA?

Fechamento

Cerca de 75% das pessoas no mundo acham que é muito importante que uma mulher permaneça virgem até o casamento (Djordijevic, s/d). O mesmo não serve para os homens. Em geral, os homens começam sua atividade sexual mais cedo do que as mulheres, e o sexo para eles é uma forma de se definir e se afirmar como homem. Muitos recorrem a profissionais do sexo para terem sua primeira relação sexual ou até mesmo são encaminhados por seus pais, para que estes tenham certeza da masculinidade do filho. Apesar de mudanças em relação a esta prática, ainda se faz necessário refletir sobre equidade entre homens e mulheres e liberdade para o exercício da sexualidade de forma saudável. Procure discutir este fato como produto das diferenças de gênero, em que homens devem ter relações sexuais antes do casamento e mulheres não — e como isto pode abrir caminhos para a exploração sexual de menores.





Bloco 5

Exploração Sexual Comercial

Esta seção trata diretamente do tema da Exploração Sexual Comercial. Aqui serão apresentadas quatro técnicas que discutem desde definições sobre temas relacionados à ESCCA até o constrangimento causado por relações de poder desiguais. Notas sobre este tema serão encontradas na seção de perguntas e respostas deste manual.





Técnica 1

Jogo do Bingo para falar sobre Exploração Sexual Comercial

Objetivo

Discutir conceitos chaves para a definição de Exploração Sexual Comercial, de forma lúdica.

Tempo recomendado

1 hora.

Materiais necessários

Um jogo de bingo de brinquedo simples ou confeccionado pelo facilitador; um cartaz com perguntas cobertas com números, conforme a folha de apoio; doces para dar de brinde.

Dicas para planejamento

Para confeccionar o bingo, faça fichas com números de 00 à 99 e coloque-as em um saco para sortear. O facilitador pode comprar um bloco de cartelas descartáveis ou criar sua própria cartela com números aleatórios. Distribua grãos para que os jogadores marquem os números sorteados em sua cartela.

É importante que sejam dados prêmios, inclusive para os voluntários que irão responder às questões do painel, para estimular o debate entre os participantes. O prêmio pode ser balas, doces ou mesmo chaveiros, canetas ou materiais promocionais de algum evento ou instituição. Ao final do jogo, podem ser dados brindes para todos, como recompensa pela participação durante a atividade educativa.

As questões que os adolescentes deverão responder são bastante complexas. É importante que o facilitador esteja pronto para complementar as respostas, estimulando a reflexão de todos.



Procedimento

- 1 Explique aos participantes que eles irão jogar bingo e conte as regras do jogo. A cada linha vertical e horizontal completada com números sorteados, eles devem gritar bingo e ir à frente buscar o prêmio. No entanto, antes de receber o prêmio, eles devem escolher um número de 00 a 99 no cartaz e tentar responder a pergunta que está embaixo. A platéia também pode ajudar a responder, valendo outro doce.
- 2 Distribua uma cartela para cada participante e marcadores, que podem ser grãos, fichas ou lápis, se a cartela for descartável.
- 3 Comece a sortear os números para que os participantes marquem em sua cartela.
- 4 Uma vez preenchida uma linha vertical ou horizontal, os participantes devem ir até a frente e escolher um número do painel. Cada número contém uma pergunta. O participante deve tentar responder à pergunta ou pedir ajuda da platéia.
- 5 Promova uma discussão sobre a questão do painel.
- 6 Entregue o prêmio para o participante que foi à frente e para quem se candidatou a responder à pergunta.
- 7 Depois que todas as questões do painel forem respondidas, promova uma discussão com as questões abaixo.

Perguntas para discussão

- ☒ Como foi discutir as questões do painel? Vocês aprenderam algo novo?
- ☒ Vocês acham que os conceitos vistos nessa dinâmica são válidos para o dia-a-dia?
- ☒ Vocês já tiveram contato com casos de ESCCA? Em que ambientes esses casos podem acontecer?
- ☒ Como vocês acham que deve ser uma intervenção em casos de ESCCA? O que fazer em relação à pessoa que agencia o trabalho sexual de crianças e adolescentes? O que fazer em relação à pessoa que paga uma criança para fazer sexo? O que fazer em relação à própria criança ou adolescente envolvido?
- ☒ Como os adolescentes podem contribuir para que ocorram menos casos de ESCCA?

Fechamento

Esta técnica possibilita o esclarecimento e o debate sobre definições e direitos em relação à ESCCA. Aproveite para explorar a primeira parte deste manual, com informações sobre o assunto que considerar relevante.



Folha de Apoio

O painel com as questões pode ser feito em uma folha de cartolina, em que serão escritas as questões abaixo, cobertas por uma folha de papel ofício com o número desenhado.

Formato do painel:

1	2
3	4
5	6
7	8

Questões sob os números:

- 1 O que é Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes?
- 2 O que é abuso sexual?
- 3 É importante prevenir a ESCCA? Por quê? Como?
- 4 O que os homens têm a ver com a ESCCA?
- 5 A ESCCA só acontece com mulheres adolescentes ou com homens também?
- 6 Existem leis que protegem a criança e o adolescente contra a ESCCA? Você conhece alguma?
- 7 Por que não devemos usar o termo "prostituição" quando se trata de crianças e adolescentes?
- 8 O que é pornografia infantil?





Técnica 2

Pessoas e Coisas¹⁵

Objetivos

Facilitar o reconhecimento da existência de relações de poder e seu impacto sobre os indivíduos e seus relacionamentos.

Materiais necessários

Nenhum.

Tempo recomendado

1 hora.

Dicas para planejamento

Alguns participantes podem se sentir pouco confortáveis em relação ao papel que devem desempenhar nesta atividade. É importante que o facilitador esteja atento a como os participantes reagem ao assumirem o papel de “pessoas” ou “coisas”, e esteja preparado para fazer as acomodações ou mudanças necessárias. Por exemplo, em vez de preparar os participantes para o desenvolvimento de seus papéis, o facilitador deve propor que discutam em duplas como as “pessoas” deveriam tratar as “coisas” e quais sentimentos isto poderia gerar nas “pessoas” e nas “coisas”. O facilitador deverá estar preparado para fazer referências a serviços de aconselhamento ou outros serviços de apoio, para os participantes que possam se sentir afetados com esta atividade.

Procedimento

- 1 Divida os participantes em três grupos. Cada grupo deve ter o mesmo número de participantes. Nota: Se o número de participantes não corresponder a uma divisão exata, pode haver participantes extras no terceiro grupo que, como descrito abaixo, serão os observadores.
- 2 Informe que o nome da atividade é: Pessoas e Coisas. Escolha, aleatoriamente, um grupo para ser o das “coisas”, outro para ser o das “pessoas”, e o último para ser o dos “observadores”.

15 Adaptada de “Série Trabalhando com Homens Jovens”. Aliança H. Rio de Janeiro, 2006.



3 Leia as regras para cada grupo:

- ☒ COISAS: As coisas não podem pensar, não sentem, não podem tomar decisões, têm que fazer aquilo que as pessoas lhes ordenam. Se uma coisa quer se mover ou fazer algo, tem que pedir permissão à pessoa.
- ☒ PESSOAS: As pessoas pensam, podem tomar decisões, sentem e, além disso, podem pegar as coisas que querem.
- ☒ OBSERVADORES: Observam em silêncio.

4 Peça para o grupo de “pessoas” pegarem as “coisas” e fazer com elas o que quiserem.

Nota: O facilitador deve tomar cuidado para que não haja abusos. Se alguém mostrar-se visivelmente constrangido, peça para que a “pessoa” pare o que está fazendo.

5 Dê ao grupo cinco minutos para que cumpram seus papéis de pessoas ou coisas.

6 Peça ao grupo que volte ao seu lugar e use as palavras abaixo para facilitar a discussão.

Nota: O facilitador pode pedir para que as duplas troquem de papel: quem foi “coisa” no primeiro momento passa a ser “pessoa” e vice-versa.

Perguntas para discussão

- ☒ Para as “coisas”: Como foi tratada por sua “pessoa”? Como se sentiu sendo tratada como coisa? Você se sentiu impotente? Por que sim ou por que não?
- ☒ Para as “pessoas”: Como tratou sua “coisa”? Como se sentiu tratando alguém como coisa? Você se sentiu poderoso? Por que sim ou por que não?
- ☒ Por que as “coisas” obedeceram às ordens das “pessoas”?
- ☒ Houve pessoas do grupo de “coisas” ou “pessoas” que resistiram ao exercício?
- ☒ Em nossa vida cotidiana, nós somos tratadas como coisas? Quem nos trata assim? Por quê?
- ☒ Nós tratamos outras pessoas como coisas? Quem? Por quê?
- ☒ Por que as pessoas tratam os outros dessa maneira?
- ☒ Para os observadores: como se sentiu observando, sem dizer nada? Você gostaria de ter interferido? Se sim, o que você poderia ter feito?
- ☒ Se você tivesse a chance de escolher entre os três grupos, o que você teria escolhido ser? Por quê?



- ✘ Quais são as conseqüências de um relacionamento em que uma pessoa trata a outra como coisa?
- ✘ Na sua comunidade, as mulheres costumam pertencer a um desses três grupos? Qual? Por quê? E os homens, costumam pertencer a um desses três grupos? Qual?
- ✘ Como uma sociedade/cultura perpetua ou apóia esse tipo de relacionamento?
- ✘ De que forma, em uma relação entre um homem e uma mulher, um pode tratar o outro como coisa?
- ✘ Quando alguém recebe dinheiro para ter relações com outras pessoas pode estar sendo tratado como coisa?

Fechamento

Existem tipos diferentes de relacionamentos em que uma pessoa pode exercer poder sobre outra. Pense nas relações entre homens e mulheres, jovens e adultos, alunos e professores, chefes e empregados. Algumas vezes, o desequilíbrio de poder nesses relacionamentos pode levar uma pessoa a tratar a outra como objeto. O poder desigual entre homens e mulheres em relacionamentos íntimos pode ter uma séria repercussão para os riscos em relação às ISTs, HIV/AIDS e gravidez não-planejada. Por exemplo, muitas vezes a mulher não tem poder para dizer quando e como o sexo deve ocorrer, ou mesmo se a camisinha deve ser usada, devido às crenças enraizadas de que o homem deve se encarregar das decisões sobre sexo e de que as mulheres devem ser passivas. Em outros casos, a mulher que é financeiramente dependente do parceiro masculino pode achar que ela não tem poder de dizer não ao sexo.

É importante lembrar que o poder por si só não é ruim. O modo como esse poder é usado é que faz a diferença.



Técnica 3

Jogo do *status*

Objetivo

Refletir sobre como diferenças de *status* ou poder podem levar pessoas a serem exploradas.

Tempo

1 hora.

Materiais necessários

Folhas de papel ofício, canetas hidrográficas, fita adesiva, som e música de festa.

Dicas para planejamento

Para dar mais realismo à atividade e torná-la mais atrativa, sugere-se também decorar o ambiente como se fosse uma festa.

Procedimento

- 1 Discuta com o grupo o que significa a palavra "*status social*". Diga-lhes que "*status*" está ligado à posição social e pergunte quem são as pessoas consideradas de maior *status* e como são tratadas essas pessoas. Por exemplo, "quem tem maior *status*, os mais ricos ou os mais pobres? Homens ou mulheres? Adultos ou crianças? Em geral, quem tem maior *status* tem mais privilégios e é mais bem tratado. Quem tem menor *status* costuma ser desrespeitado e discriminado.
- 2 Em um pedaço de papel, escreva números de 1 a 3 e cole nas costas dos participantes. Ninguém deve saber o próprio número.
- 3 Diga-lhes que você colocará uma música e eles devem encenar uma festa: dançar e conversar com outras pessoas.



- 4 Comece a festa e explique que cada um deve tratar os outros de acordo com o número que estiver nas costas (pessoas com número 3 têm maior status, e aqueles com número 1 têm menor status). Diga-lhes que podem inclusive, fazer pedidos.
- 5 Dê 10 minutos para que circulem e participem da festa.
- 6 Pergunte a cada participante que número que pensam ter.
- 7 Promova uma discussão com as questões abaixo.

Perguntas para discussão

- ☐ Como as pessoas trataram vocês?
- ☐ Conseguiram descobrir que números tinham? Por que sim ou por que não?
- ☐ Como tratamos quem tem menor *status*? Por quê? Essas relações são justas na opinião de vocês?
- ☐ Por que quem tem menor *status* aceita ser tratado desta maneira? É fácil recusar um pedido de quem tem um *status* maior? Por que sim ou por que não?
- ☐ Como tratamos quem tem maior *status*? Por quê? Essas relações são justas na opinião de vocês?
- ☐ Em geral, quem são as pessoas que têm maior *status* na nossa sociedade? Por quê?
- ☐ Em geral, quem são as pessoas que têm menor *status* em nossa sociedade? Por quê?
- ☐ Como são tratadas as mulheres e crianças? Por que elas têm menos poder em nossa sociedade?
- ☐ O que a ESCCA tem a ver com *status* e poder? Os jovens e adolescentes estão em condições de escolher servir a quem tem mais poder? Como deve se sentir uma criança ou adolescente explorado sexualmente?

Fechamento

Esta técnica busca refletir sobre como pessoas que estão em uma posição considerada superior sentem-se no direito de explorar outras pessoas ou de tratá-las com demérito. O fato de pessoas de “menor *status*” obedecerem a ordens de pessoas com “maior *status*” não é questão de escolha, nem opção. A distribuição de poder legitimada em nossa sociedade contribui para reforçar esta relação. No caso da ESCCA, as diferenças de poder e a submissão de crianças e adolescentes por um adulto é muito mais evidente. Peça aos participantes que reflitam sobre o que dá direito a uma pessoa de exercer o poder sobre outra e quais são os sentimentos da pessoa que é explorada.



Anexo Sobre a testagem

As atividades educativas incluídas neste manual foram adaptadas de documentos destinados ao trabalho de reflexão sobre temas de gênero, voltados, em geral, para jovens de 15 a 24 anos de idade. Por ser o trabalho com adolescentes de 10 a 14 anos uma iniciativa nova, e por adolescentes nesta faixa etária guardarem características que são específicas e diferentes dos jovens com mais de 15 anos, a testagem destas atividades foi fundamental.

A testagem das atividades foi realizada através de sua aplicação em grupos de homens adolescentes entre 10 e 14 anos, com o apoio da Save the Children Noruega e Save the Children Suécia, em quatro países da América Latina:

- 1 Nicarágua (Amunic)
- 2 Brasil (Promundo)
- 3 Honduras (Save the Children)
- 4 Peru

Cada país desenvolveu um plano de validação do manual, de acordo com os projetos e possibilidades de cada instituição que apoiou a testagem.

Na Nicarágua, a testagem foi realizada em duas escolas de Estelí: Centro Escolar Oscar Arnulfo Romero e Centro Escolar Enmanuel Mongalo. Foram feitos três grupos, dois na primeira escola e um na segunda. Um dos grupos era misto, entre 10 e 14 anos, e os outros separados entre 10 e 12 anos e entre 13 e 14.

Em Honduras, a testagem foi realizada com grupos com os quais a organização já trabalhava. Foram dois grupos com 13 e 14 anos, provenientes de zonas rurais de Honduras e um grupo entre 10 e 14 anos.

No Peru, foram apenas dois grupos. Um dos grupos possuía entre 12 e 14 anos da Instituição Educativa “Institución Educativa Nuestra Señora del Carmen”. O outro grupo era formado por adolescentes entre 10 e 11 anos, provenientes da *Asociación de Autoayuda al Niño y Adolescente* — ASANAJ.

No Brasil, a testagem foi feita em duas escolas de duas comunidades do Complexo da Maré no Município do Rio de Janeiro. Foram três grupos: um entre 10 e 14, outro entre de 13 e 14 e um outro de 10 a 12 anos.

Os principais aspectos verificados na testagem foram relacionados à atratividade das atividades, isto é, se elas eram capazes de estimular o interesse dos participantes, se conseguiam alcançar o objetivo de reflexão ao qual se propunha e se eram de fácil compreensão para os facilitadores. As sugestões e observações dos facilitadores foram incorporadas nas atividades contidas neste manual.

Em relação aos resultados da testagem, foram destacados os seguintes pontos:

- ✘ Espaço/local de implementação das atividades. A testagem em algumas escolas demonstrou a importância de que as oficinas estejam adequadas ao calendário escolar, além de poder reservar um espaço que respeite a privacidade e deixe os participantes à vontade.
- ✘ Participação do facilitador. Os facilitadores, responsáveis pela aplicação teste destas atividades, sentiram falta de maior capacitação e discussão antes do trabalho com os adolescentes. Houve a recomendação de que haja, principalmente, uma maior preparação para discussão sobre questões de gênero. É importante que o facilitador leia bem as atividades antes de aplicá-las. Isto é importante para facilitar o diálogo com os adolescentes.
- ✘ Em relação ao gênero do facilitador, na testagem das atividades os adolescentes se sentiram à vontade também com facilitadoras mulheres. A motivação e o ânimo do facilitador mostraram-se fatores mais relevantes para alcançar o interesse e a participação dos adolescentes. A flexibilidade e a habilidade para manejar grupos também foram citados, nos relatórios de testagem, como fundamentais para responder e fazer com que os adolescentes expressassem suas dúvidas. Demonstrar desde o início respeito pelas opiniões dos adolescentes é fundamental para que possam oferecer sua confiança.
- ✘ Utilização de materiais e recursos. A utilização de materiais variados mostrou-se, na testagem, um bom artifício para atrair a atenção dos adolescentes. Pode-se abusar do uso de materiais audiovisuais e imagens em desenhos ou recortes, pois estes facilitam a compreensão e expressão dos adolescentes. Relacionar idéias, através de imagens e um processo de criação conjunta, motivou e permitiu o intercâmbio de experiências entre os participantes. Quanto maior for a quantidade de recursos que permitam a criatividade, mais interessados se mostrarão os jovens. Por exemplo, para a criação de cartazes, quanto maior for a quantidade de cores, tipos de papéis, materiais



artesanais e até mesmo recicláveis, mais empenhados os adolescentes estarão na atividade. No caso de atividades baseadas em interpretação, quanto mais realista for o cenário, mais os adolescentes incorporarão seu papel. Para a melhor compreensão do corpo e respeito às diferenças entre os indivíduos, os facilitadores sugeriram recortes ou desenhos de diferentes corpos, mostrando tipos distintos, de acordo com peso, tamanho, etnia e cultura.

- ✘ Sugere-se também a realização de atividades ao ar livre para motivar os adolescentes.
- ✘ Dinâmica das atividades. Uma das surpresas dos facilitadores na testagem foi o grande interesse dos adolescentes pelas atividades baseadas no diálogo. Homens adolescentes não estão habituados a expor o que pensam ou suas dúvidas, de modo que as atividades lhes possibilitaram um espaço de diálogo importante. No entanto, lhes incomoda uma grande quantidade de perguntas para refletir. É mais produtivo que os facilitadores façam menos perguntas e deixem um espaço maior para que os adolescentes coloquem suas questões. Pode-se resumir em 4 ou 5 o número de perguntas para discussão feitas ao final de cada atividade.
- ✘ Atividades que envolvem relaxamento ou olhos fechados não funcionaram muito bem. Quanto mais dinâmica for a atividade, mais os adolescentes estarão envolvidos em seu desenvolvimento.
- ✘ Dúvidas sobre ISTs, HIV/AIDS e uso do preservativo. As principais questões dos grupos nos quais as atividades educativas foram testadas estavam relacionadas às formas de prevenção ao HIV/AIDS e outras infecções transmitidas sexualmente. Como estes são temas não focais neste manual, os facilitadores presentes na testagem recomendaram que, para a realização das atividades, o facilitador deve estar preparado para responder a estas dúvidas. É importante que seja dado um tempo ao final de cada oficina para que estas dúvidas sejam expressas.
- ✘ Resistência a papéis femininos. Quando a atividade envolvia a interpretação de papéis femininos, foi relatada grande resistência dos grupos a interpretar tais papéis. Até mesmo fazer desenhos de mulher ou descrever atitudes femininas eram tarefas mal aceitas pelos adolescentes, que argumentavam não ser mulher para saber o que elas pensam.
- ✘ A importância da opinião dos pares. Evidenciou-se que os demais influenciam a maneira de pensar de alguns participantes. O adolescente se obriga a responder o que pensa que o “círculo de amigos” espera que responda para ser aceito. Na atividade educativa em que os participantes deveriam demonstrar sua opinião, movendo-se ou não de suas cadeiras, observou-se que a maioria se recusava a se levantar, com medo de que seus companheiros o reprovassem.



Compreensão dos temas

Interesse: Os adolescentes demonstraram interesse pelo tema a todo o momento, o que permitiu a participação mais efetiva nas atividades. Trabalhar os temas através de uma série de blocos, em que pouco a pouco vários temas vão sendo abordados, ajudou os adolescentes a refletir sobre os diferentes processos de construção da masculinidade. A ordem e os temas propostos para a reflexão neste manual foram elogiados pelos facilitadores.

Gênero: Devido à organização dos temas e o enfoque de gênero em cada atividade educativa, os adolescentes puderam facilmente identificar o que é gênero, o que permitiu um desenvolvimento enriquecedor das atividades educativas. A reflexão sobre gênero, a partir da primeira dinâmica, ajudou também a responder as dúvidas a respeito da sexualidade e da violência. Já no segundo bloco, os facilitadores perceberam que os adolescentes começaram a se dar conta de como as mulheres são utilizadas como estratégia para a venda de diversos produtos e, muitas vezes, não se oferece o produto em si, mas a própria mulher para o consumo, segundo o ponto de vista dos próprios adolescentes. A percepção do grupo serviu também para trabalhar o sexismo nas propagandas e refletir sobre como, muitas vezes, nos deixamos influenciar pelos meios de comunicação, de forma alienada, com personagens que são totalmente alheios ao entorno sócio-cultural, mas que se vendem como ideais de masculino e feminino.

Diversidade: O tema da diversidade sexual, com os adolescentes, precisa ser trabalhado através de uma linguagem bastante simples e com maior atenção, sendo importante explorar suas experiências e relacionamentos. Embora consideremos este um tema fundamental para a promoção de equidade nas relações de poder relacionadas à sexualidade, a testagem revelou que é necessário reservar um espaço maior para a abordagem deste tema com os jovens. Desta maneira, optamos por não tratá-lo neste manual. No entanto, os facilitadores também relataram que imaginar e compartilhar sua experiência com um grupo distinto de pessoas contribuiu para que os adolescentes pudessem refletir sobre o respeito às diferenças.

Sexualidade: Este foi o tema de maior interesse dos adolescentes. Tratá-lo com homens desta faixa etária foi considerado mais fácil pelos facilitadores do que com homens adultos. Os adolescentes reconhecem que a informação que recebem de seus pares não é correta. Como existem poucos adultos com os quais conseguem conversar sobre o tema, se o facilitador demonstra ser capaz de ouvir sem julgar, a confiança dos adolescentes lhe é dada.

ESCCA: Os facilitadores avaliaram que, em todas as atividades educativas, é importante introduzir uma discussão sobre a ESCCA. Na última seção, especialmente sobre a ESCCA, os adolescentes não apenas foram capazes de analisar o tema, como puderam associá-lo aos temas trabalhados anteriormente. Os facilitadores relataram que o tema da ESCCA foi trabalhado de maneira simples, através de técnicas que favoreceram a exploração dos temas por parte dos adolescentes e sua participação ativa, com reflexões a partir de sua experiência de vida. A ordem das técnicas funcionou bem, de acordo com os facilitadores.

Bibliografia

ANDI. Agência de Notícias dos Direitos da Infância (2007). Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes: Guia de referência para a cobertura jornalística. Brasília.

AGGLETON, P. (2001). *Trabalhando com jovens: implicações para a pesquisa e a organização de programas.* Adolescência Latinoamericana, vol.2, nº.3, p.138-147.

CACERES, C.F. et al (1997). *Young people and the structure of sexual risks in Lima in AIDS prevention research in the developing world,* vol. 11, nº 1, p. 67-77.

CATW (Coalition Against Trafficking in Women). <http://www.catwinternational.org/factbook/index.php>

CASTANHA, N. (org.) (2006). *Direitos Sexuais são Direitos Humanos. 18 de maio dia nacional de combate ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes.* Caderno Temático. Brasília: Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças. Comissão Intersetorial de Enfrentamento à Violência Sexual de Crianças e Adolescentes.

CENTERWALL, E. and Laak, S. (2004). *Young men as Equal Partners.* Stockholm: The Swedish Association for Sexuality Education.

Declaração aprovada no Congresso Mundial contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes. Suécia, Estocolmo, 1996.

DJORDIJEVIC, J. (s/d) *Countering trafficking in women: lessons on maximizing effectiveness – the case of Serbia and Montenegro.*

Global Rights (2002, 2005). *Guia Anotada del Protocolo Completo de la ONU Contra la Trata de Personas.* Acessível em: <http://www.acnur.org/biblioteca/pdf/3556.pdf>.

Glossário OIT/IPEC. *Programa de prevenção e eliminação da ESCCA na Tríplice Fronteira Argentina/Brasil/Paraguai.*

Instituto WCF – Brasil (2006). *Cenário da exploração sexual nas rodovias. Na mão certa.* São Paulo: Instituto WCF-Brasil.

Jornal El Pais. *Esclavos sexuales,* Caderno “Mundo Domingo”, dia 25/02/2007, págs. 9 e 10.

LEAL, M. L. P. (1999). *A Exploração Sexual Comercial de Meninos, Meninas e Adolescentes na América Latina e Caribe (Relatório Final – Brasil).* Brasília: CECRIA, IIN, Ministério da Justiça, UNICEF, CESE.



LEAL, M. L. (2002). Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial no Brasil – PESTRAF: Relatório Nacional – Brasil. Brasília, CECRIA.

Lima, D et al. (2007). Homens pelo fim da violência contra a mulher: Educação para ação. Recife: Instituto Papai, Promundo e White Ribbon Campaign.

Matriz Intersectorial de Enfrentamento da Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes – Secretaria Especial de Direitos Humanos – Governo Federal. Acessível em: <http://www.ess.ufrj.br/prevencaovienciasexual/prevencao.htm>

Oficina Internacional del Trabajo (2004). *Explotación sexual comercial y masculinidad. Um estudio cualitativo con hombres de la población general.* San José, Costa Rica: Oficina Internacional del Trabajo.

Promundo (coord.) (2002). Série Trabalhando com Homens Jovens. Rio de Janeiro: Aliança H.

REDLINGER, J. (2004). *Child Trafficking and Sexual Exploitation.* Child Labor Module Series, The University of IOWA.

SANTANA, R.; XAVIER, S. *Reconhecendo a violência sexual,* in Gadelha, G.; **Barbosa, H. (2003).** Construindo uma história. CEDECA, Bahia.

Save the Children (2004). *El Cliente pasa desapercibido.* El Cliente, Principal Explotador Sexual Infantil. Informe Periodístico. Lima: Save the Children Suecia.

Save The Children Europe Group (2005). *Position paper regarding online images of sexual abuse and other Internet-related sexual exploitation of Children.*

UNICEF (2001). *Profiting from abuse.* New York: UNICEF.

WHO (2003). *Very Young Adolescents: the hidden Young people.* Technical Meeting on 10-14 years old. Salle B. Main Building. Geneva, 29 April – 2 May.

